

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.ºs 9 e 10

SUMMARIO. — Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes: actas das sessões da Assembléa Geral de 6 de Julho, 21 de Setembro, 22 de Novembro e 13 de Dezembro de 1899. — Subsídios para a historia da escultura em Portugal, pelo sr. Sousa Viterbo. — Museu do Carmo, pelo sr. Gabriel Pereira. — A Casa do Arco, pelo sr. Eduardo Antonio Raposo. — Apontamentos de Legislação Portuguesa (anno 1893). — Noticias archeologicas, pelo sr. Eduardo Augusto da Rocha Dias.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão da Assembléa Geral em 6 de Julho de 1899.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretario, José Joaquim d'Ascensão Valdez.

Compareceram os Ex.^{mos} Srs. Margiochi, Valentin Corrêa, Rosendo Carvalheira, Liberato Telles, Ernesto da Silva, Mena Junior, Silva Leal, Bernardino José de Carvalho, Cavalleiro e Sousa e Soares O'Sulivand.

Abertura da sessão ás quatro horas da tarde.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Foi lida a correspondencia recebida, sendo:

Um officio do sr. Presidente da Camara Municipal de Braga respondendo a esta Associação, que

tomava na devida consideração as explorações archeologicas feitas pelo socio sr. Albano Bellino, e lhe prestava todo o auxilio, pondo á sua disposição os cantoneiros municipaes para os trabalhos precisos.

Sobre o mesmo assumpto officiou o socio sr. Bellino, e lembrou, que devia ser nomeado socio o sr. commendador José Antonio Vieira Marques, proprietario. dedicadissimo a estudos archeologicos, o qual prestaria á Associação um valioso auxilio.

Foram lidas participações de falta de comparencia á sessão, do secretario sr. Rocha Dias por motivo de serviço official; do sr. Visconde da Torre da Murta por se achar ausente de Lisboa; do sr. Rodrigo Velloso por motivo de doença.

O sr. Battaglia Ramos tambem não poudo comparecer, e mandou por offerta para a Bibliotheca um exemplar da sua ultima publicação «Breve Noticia sobre a Ordem do Santo Sepulchro».

Foram presentes as obras recebidas e entre ellas a continuação do «Journal of the Royal Institute of Bristish Architects», offerta do sr. Conde de S. Januario.

Passando-se á ordem do dia, tomou a palavra o

sr. Rosendo Carvalheira, lendo um projecto de representação a dirigir ao sr. Ministro das Obras Publicas a proposito da conservação dos monumentos nacionaes, e agora motivada pelas urgentes obras a effectuar na torre da egreja de S. João de Thomar, e que tendo esta Associação tomado a peito este assumpto tão importante, e recolhendo pelas circulares expedidas, informações locais; elementos tão preciosos para a Commissão dos Monumentos Nacionaes, poderiam essas informações ser postas á disposição do sr. Ministro, e entregues á mesma Commissão, quando ella esteja definitivamente organizada, e em exercicio das suas funcções.

Foi eleito socio effectivo o sr. José Bernardo Lopes de Andrade, engenheiro civil, e socios correspondentes os srs. Balthasar Aprigio de Ferreira de Mello e Andrade, Presidente da Camara Municipal de Braga, em reconhecimento aos importantes auxilios prestados pela mesma Camara á Archeologia Nacional; o commendador José Antonio Vieira Marques e Antonio Portugal de Faria, nosso consul em Livorno.

Em seguida usou da palavra o sr. Cavalleiro e Sousa, que leu uma interessante memoria sobre a Torre de Belem, e outra sobre pelouros antigos de pedra, principalmente o que esteve no convento de Odivellas, e se acha hoje no Museu de Artilheria, pelouro que havia sido doado áquelle convento por D. Alvaro de Noronha, governador de Ormuz. Entendia o orador que devia ser conservado no mesmo convento.

O sr. Rosendo Carvalheira, respondendo ácerca do Pelouro de Odivellas, disse que no convento poderia um dia desaparecer, como outras tantas coisas; emquanto que no Museu de Artilheria estava seguro. Lembrou que se devia recommendar ás diversas Camaras Municipaes do paiz a conservação dos seus pelourinhos, porque algumas os teem votado ao desprezo.

Os pelourinhos representam a autonomia municipal, e alguns são verdadeiros objectos de arte; estas considerações foram-lhe suggeridas quando ha pouco, estando em Villa Franca de Xira, viu entre pedaços de pedra destinados a alvenaria, parte do fuste do pelourinho d'aquella villa, e reconheceu ser de epocha antiga.

Foram aggregados á Commissão encarregada das circulares e informes dos monumentos, os socios srs. Cavalleiro e Sousa e Valdez.

Teve segunda leitura o officio da Commissão da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa para adquirir donativos a fim de levantar um monumento á memoria do fallecido visconde de Valmor, e foi resolvido que esta Associação concorresse com a quantia de vinte mil réis.

Não havendo mais assumptos a tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O Vice-Secretario
José Joaquim d'Ascensão Valdez

Sessão d'Assembléa Geral em 21 de Setembro de 1899.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. General Pimentel Maldonado, vice presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Silva Leal.

Abertura da sessão ás 8 horas e meia da noite, estando presente os Ex.^{mos} Srs. Margiochi, Visconde da Torre da Murta, Cavalleiro e Sousa, Jesuino Ganhado, Mena Junior e Rodrigo Velloso.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão (6 de julho).

O sr. Cavalleiro e Sousa referiu-se aos azulejos que revestem as paredes interiores da capella de S. Sebastião, nas Caldas da Rainha, representando scenas da vida d'aquelle santo, e que lhe parecem ser dos fins do xv ou do principio do xvi seculo, no que diverge da opinião do digno socio sr. O'Sullivan, que os considera mais modernos. Em occasião opportuna discutirá esse assumpto e fará algumas observações ácerca da torre da egreja de Nossa Senhora do Populo, matriz da mesma villa das Caldas, a qual na opinião do orador, apesar de ser fundada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e portanto, contemporanea da construcção das thermas caldenses, apresenta na sua singular architectura vestigios da architectura manuelina, creada por Boutaca no reinado de D. Manuel.

O sr. Visconde da Torre da Murta propoz que se consignasse na acta um voto de profundo sentimento pela morte do distincto archeologo e nosso socio effectivo o sr. dr. Francisco Martins Sarmento, de Guimarães, cujos meritos scientificos e pessoas enalteceu em eloquentes phrases.

Esta proposta foi approvada por aclamação.

O mesmo sr. Visconde propoz que tambem se exarasse na acta um voto de profundo pesar pelo fallecimento da Ex.^{ma} Mãe do Sr. Conselheiro Luciano Cordeiro, nosso digno socio effectivo, o que foi igualmente approved.

Na correspondencia mencionaram-se as seguintes communicações:

Da Real Sociedade dos Architectos de Anvers, agradecendo a remessa do *Boletim*, e offerecendo

a esta Associação o título de *Sociedade correspondente*, que dá direito a todas as publicações da mesma Sociedade.

Do sr. Albano Bellino, socio correspondente, participando haver iniciado em 23 do mez proximo findo os trabalhos d'exploração no monte de S. Mamede, suburbios de Braga, e fazendo indicações relativas a essa exploração.

Dos srs. Balthazar Aprigio Ferreira de Mello e Andrade e José Antonio Vieira Marques, agradecendo o terem sido eleitos socios correspondentes.

Do conservador da Bibliotheca Nacional do Porto, accusando a recepção do *Boletim*.

Dos srs. Valentim José Corrêa e Ernesto da Silva, justificando a sua falta á sessão.

E da Empreza de habitações hygienicas urbanas e ruraes, enviando os seus prospectos.

O sr. Visconde da Torre da Murta apresentou a photographia d'uma fonte que existe em Evora na propriedade chamada Quinta do Arcediago, hoje pertencente ao sr. visconde da Esperança e que em outra era fôra do notavel antiquario André de Rezende, na qual se leem duas inscrições abertas em cal, que este sr. visconde vae mandar gravar n'uma lapida para collocar n'aquelle recinto.

O orador louvou o zelo com que é conservada a referida antiguidade, zelo proprio da reconhecida illustração do seu possuidor.

Foi eleito socio correspondente o sr. José Augusto Carneiro, residente no Porto, auctor da «*Revista historica e archeologica do mosteiro de Lessa do Bailio*», de varias memorias genealogicas e de muitos e variados artigos sobre historia e archeologia publicados em mais de 80 numeros da «*Vida Moderna*», jornal portuense.

O sr. general Maldonado disse que, estando fôra de Lisboa, o sr. presidente, conde de S. Januario, e achando-se em convalescença o sr. vice-presidente Valentim Corrêa, tivera de vir, na sua qualidade de vice-presidente, occupar a presidencia n'esta assembléa, que fora extraordinariamente convocada, para se resolver sobre uma solicitação da Real Sociedade Nacional de Horticultura. Pretendendo esta Sociedade realisar no recinto do Museu do Carmo a proxima exposição de chrysanthemos, sujeitava á discussão se poderia ou não ser dado o consentimento para tal fim.

O sr. Margiochi, renovando o pedido que fizera em nome da Real Sociedade de Horticultura, expoz a conveniencia de se effectuar a exposição no Museu do Carmo, por ser um sitio muito central, e disse que não lhe parecia incompativel esta exposição, que se pode chamar de arte moderna, em um museu de arte antiga.

O sr. Silva Leal propoz que, dada a concessão, a que não é contrario, se officiasse ao Conselho

Facultativo para que, no uso das suas attribuições administrativas, superintendesse na maneira por que se deve permitir a exposição.

O sr. Ganhado apresentou os motivos por que presentemente ha difficuldade em reunir o Conselho, cujas resoluções poderiam demorar-se, com prejuizo da exposição projectada; entendia, portanto, preferivel que se nomeasse desde já uma commissão de tres membros, um dos quaes seria o sr. vice-presidente Valentim Corrêa, outro o sr. O'Sullivan, conservador, e outro o sr. Ernesto da Silva, thesoureiro, para definitivamente combinarem com a direcção da Sociedade de Horticultura em que condições se deve fazer a exposição.

O sr. Cavalleiro e Sousa presta a sua adhesão ao pedido e vota pela proposta do sr. Ganhado.

O sr. Rodrigo Velloso entende que a assembléa não deve recusar a sua annuencia á sollicitação de que se trata, e aproveita o ensejo para agradecer a sua eleição para socio effectivo.

O sr. Margiochi assegurou que nem o Museu nem o cofre d'esta Associação teriam prejuizo algum em resultado da exposição.

O sr. Ernesto Dias da Silva, secretario da Sociedade de Horticultura, apresentado pelo sr. Margiochi e que esteve presente á sessão, usou da palavra com permissão da assembléa, dizendo que lhe parecia sufficiente o que fôra explicado pelos srs. Margiochi e Rodrigo Velloso; entretanto, estava prompto a dar quaesquer outras explicações que a assembléa desejasse.

O sr. Visconde da Torre da Murta, concordando com a proposta do sr. Ganhado, tendente a evitar adiamentos de uma exposição que não os pôde ter, entende que o assumpto deve ficar resolvido desde já. Vê que alguns membros da Direcção da Sociedade de Horticultura são nossos consocios e esta garantia lhe basta para ter a certeza de que o Museu nada soffrerá com a realisação da exposição.

Foi rejeitada a proposta do sr. Silva Leal e approvada a do sr. Ganhado, considerando-se eleitos para a commissão os cavalheiros a que a mencionada proposta se refere.

O sr. Ganhado propoz que as reuniões d'essa commissão com a Direcção da Sociedade de Horticultura se effectuassem nas salas do Museu. Foi approved.

O sr. Margiochi agradeceu á assembléa as concessões feitas áquella Sociedade e novamente assegurou que a assembléa não teria de arrepender-se das resoluções que acabava de tomar.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram quasi dez horas da noite.

O segundo secretario servindo de primeiro,
Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão d'Assembléa Geral em 22 de novembro de 1899.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario. Secretario, Ascensão Valdez.

Sendo tres e meia horas da tarde, foi aberta a sessão, estando presentes os socios srs. Valentim Corrêa, Leite de Vasconcellos, Mena Junior, Silva Leal, Cavalleiro e Sousa, Lino de Carvalho, Jesuino Ganhado e O'Sulivand.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão.

Tomou-se conhecimento da correspondencia recebida, sendo: dos socios srs. visconde da Torre da Murta e Ernesto da Silva, pedindo desculpa de não poderem comparecer á sessão; do sr. Antonio de Portugal de Faria, agradecendo a sua nomeação de socio correspondente, e accusando a recepção do respectivo diploma; da Real Sociedade Nacional de Horticultura de Portugal, agradecendo a deliberação da assembléa geral d'esta Associação permitindo, que se effectuasse no edificio do Museu do Carmo, a exposição de chrysanthemos, e declarando as razões por que fôra obrigada a não aproveitar, por agora, essa cedencia, sendo a principal a falta de recinto coberto, tendo as flores de estarem expostas ao tempo; do sr. engenheiro chefe da 4.^a zona, participando ter mandado assentar uma chapa-terra em uma das capellas do edificio do Carmo para o bom funcionamento do systema de pára-raios protectores do quartel do Carmo; da inspecção geral da secção portugueza na exposição universal de 1900, solicitando d'esta associação a remessa de uma collecção de seus estudos e communicações publicadas; informou em officio o socio bibliothecario sr. Visconde da Torre da Murta, ter enviado em 28 de outubro ultimo uma collecção do *Boletim*, 3.^a serie, e varias Memorias e Relatorios, conforme a relação junta ao mesmo officio; da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, circular pedindo a publicação do annuncio da subscrição, e juntando boletins para a mesma subscrição, os quaes foram distribuidos pelos socios presentes; do Gremio Lusitano, circular pedindo a adhesão d'esta Real Associação para as manifestações que a benemerita Sociedade dos Medicos Portuguezes tenciona realizar á memoria do dr. Camara Pestana. O sr. Presidente convidou os socios presentes a tomarem parte nas homenagens devidas a tão eximio professor e eminente medico, victima do seu fanatismo pela sciencia. Da Academia de Estudos Livres, participando ter deliberado fazer uma visita ao nosso Museu e pedindo que n'essa visita fosse auxiliada por pessoa competente a dar explicações a respeito dos objectos expostos. Sobre este assumpto fallaram

os srs. Valentim Corrêa, O'Sulivand e dr. Leite de Vasconcellos, determinando o sr. Presidente que se officiasse á Academia de Estudos Livres para de accordo com os srs. dr. Leite de Vasconcellos e O'Sulivand, conservadores do Museu, determinar o dia em que se deverá realizar a visita.

A proposito d'esta visita o sr. dr. Leite de Vasconcellos, na qualidade de professor de numismatica na Bibliotheca Nacional de Lisboa, pediu auctorisacção para com os seus alumnos visitar o Museu, para estudarem as inscrições lapidares da epocha romana.

Foram presentes as obras recebidas, e para algumas o socio bibliothecario sr. Visconde da Torre da Murta, em officio, chamava a attenção da Assembléa, especializando o *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou ao serviço de Portugal*, volume I, que offereceu á nossa Associação o seu erudito auctor e nosso prestimoso consocio sr. dr. Sousa Viterbo. E' obra interessantissima e de subido valor para estudos da nossa Associação. A continuação do *Jornal do Real Instituto dos architectos britannicos*, offerta do nosso Presidente o sr. Conde de S. Januario; a *Nobiliarchia Goana*, do sr. Diogo Luiz da Fonseca, e duas photographias reproduzindo a inscrição contida em duas pedras encontradas em Cascaes e offerecidas pelo sr. Driesel Schræter por intervenção do sr. Gabriel Pereira; *Antiquidades de Galicia*, por D. Ramon Barros Sivelo e o *Elogio historico do Sr. Rei D. Fernando 2.^o*, offerta do socio sr. Silva Leal.

Muitas publicações, continuação de *Revistas e Boletins da Sociedade de Geographia de Lisboa* e de diversas Sociedades estrangeiras e o *Album do Pará em 1899*, interessante e notavel obra pela boa encadernação e esplendidas estampas de que é adornada, offerta da Legação do Brazil.

Passando-se á ordem do dia, foi lida uma communicação interessante do sr. Eduardo Antonio Raposo sobre a casa do Arco, em Villa Real de Trazos-Montes, acompanhando a communicação com duas photographias.

Os srs. Cavalleiro e Sousa e Valentim Corrêa propozeram que se exarasse na acta um voto de louvor ao nosso consocio sr. Liberato Telles pela sua erudita monographia da igreja da Madre de Deus e obras realizadas no convento, sob a sua direcção.

Foi unanimemente aprovado.

Foi apresentada e lida a seguinte proposta dos srs. Soares O'Sulivand, Mena Junior e Jesuino Ganhado: «Attendendo aos relevantissimos serviços prestados a esta Real Associação pelo sr. Valentim José Corrêa, socio fundador, seu primeiro vicepresidente e decano dos architectos portuguezes,

temos a subida honra de propôr a esta respeitavel assembléa que lhe seja conferido o titulo e dado o diploma de socio benemerito, como nova demonstração de apreço e alta consideração.»

Foi approvada.

O sr. Cavalleiro e Sousa apresentou o manuscrito de uma sua conferência sobre architectura, especialmente a gothica, proferida em sessão de 9 de maio de 1897. O sr. Presidente mandou que fosse enviado á direcção do *Boletim*.

O sr. Mena Junior participou á Assembléa que em S. Vicente existe o sarcophago da rainha D. Maria Anna, mulher de D. João V, e como no nosso Museu se acham partes componentes do dito tumulo, entendia que se devia requisitar aquella parte, demais sabendo que Sua Em.^a o sr. Cardéal Patriarcha não duvida ordenar a sua entrega, bem como o sr. Director das Obras Publicas. Foi determinado officiar-se ao sr. Director das Obras Publicas e depois a Sua Em.^a

Foram propostos e approvados para socios: effectivo o sr. visconde de Fraião, architecto pela escola portuense de Bellas Artes, e correspondentes os srs. Héron de Villefosse, professor da escola de estudos superiores e conservador do Museu do Louvre; R. Cagnat, professor do Collegio de França; H. Lehner, director do museu de Bonn e Eduardo Antonio Raposo, residente em Villa Real.

Estando a hora adiantada o sr. Presidente encerrou a sessão.

O Vice-Secretario

José Joaquim d'Ascensão Valdez

Sessão da Assembléa Geral em 13 de Dezembro de 1899.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario. Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Silva Leal.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Além da mesa estiveram presentes os srs. Simões Margiochi, Valentim Corrêa, Ernesto da Silva, Antonio Felix da Costa, Ascensão Valdez, Mena Junior, O Sulivand, Cavalleiro e Sousa, Guilherme J. Carlos Henriques, Francisco Parente, Abel Botelho, Liberato Telles, Lino de Carvalho e Rosendo Carvalheira.

Foi approvada a acta da ultima sessão.

Leu-se uma carta do sr. Albano Bellino, participando que no seu regresso de Guimarães a Braga, em março proximo, proseguirá nos trabalhos de exploração do monte de S. Mamede e, concluidos

elles, remetterá a esta Associação um relatorio circumstanciado. Egualmente annunciava a fundação de um importante *Museu de Archeologia Christã* n'uma das salas da Insigne e Real Collegiada de Guimarães, onde figuram todos os objectos do valioso thesouro da Collegiada, muitos dos quaes constam do Catalogo da Exposição de Arte Ornamental, em 1882; são fundadores d'este Museu os srs. Conego Alberto da Silva Vasconcellos e João Lopes de Faria.

Mencionaram-se agradecimentos: 1.^o, do sr. Pedro Arnaut de Menezes, engenheiro chefe da 4.^a zona, por se ter facilitado aos empregados d'esta zona a entrada no Museu do Carmo a fim de procederem á collocação da chapa-terrea destinada ao bom funcionamento dos pára-raios do quartel do Carmo; 2.^o e 3.^o, dos srs. Héron de Villefosse, conservador do Museu do Louvre, e R. Cagnat, professor do Collegio de França, pela sua eleição para socios correspondentes.

Foram eleitos: socios effectivos o rev. abbade José Augusto Tavares, socio correspondente, e o sr. Manuel Joaquim de Campos, que tem escripto varios artigos sobre numismatica publicados no *Archeologo Portuguez*; socios correspondentes estrangeiros, os srs. Julio Meili, auctor de importantes trabalhos sobre a numismatica luso-brazileira, que correm impressos, e dr. G. Tropea, professor de historia antiga e archeologia na Universidade de Messina, redactor da *Revista di Storia antica* e auctor de muitos trabalhos archeologicos de grande valor.

Para ordem do dia estava designado que se procederia á eleição dos corpos gerentes para 1900 e se faria entrega do diploma de socio benemerito ao sr. Valentim Corrêa.

Justificaram a sua falta de comparencia á sessão, declarando que, se estivessem presentes, associar-se-hiam á manifestação que se projectava fazer em homenagem ao sr. Valentim José Corrêa, fundador d'esta Associação, os srs. Visconde de Castilho, Visconde da Torre da Murta, Licinio da Silva, Jesuino Ganhado e dr. Leite de Vasconcellos, que participou ter já começado a reunir elementos para a organização definitiva do catalogo das secções romana e pre-romana do nosso Museu.

Os srs. Ernesto da Silva, Guilherme Henriques, Cavalleiro e Sousa, Francisco Parente, Simões Margiochi e Rocha Dias, declararam que prestavam incondicionalmente o seu voto a todas as manifestações em honra do sr. Valentim Corrêa.

O sr. Liberato Telles, na qualidade de presidente da Associação dos Conductores de Obras Publicas, disse que a direcção d'esta associação se reunira extraordinariamente e determinára fazer uma acta especial, consignando um voto de louvor

a esta Associação por ter distinguido com o diploma de benemerito o sr. Valentim Corrêa, felicitando este considerado architecto por essa nova distincção e votando louvores aos socios que a propozeram.

O sr. Valentim Corrêa agradeceu as felicitações que lhe foram dirigidas.

O sr. Presidente disse que o diploma de benemerito conferido ao sr. Valentim Corrêa, antigo vice-presidente d'esta Associação, á qual tem prestado relevantissimos serviços, collaborando desde a sua fundação com o sempre chorado presidente Possidonio da Silva, honra não só o agraciado, mas tambem a assembléa que justamente deliberou por unanimidade lhe fosse concedido.

Levantando-se toda a assembléa na ocasião em que o sr. Presidente entregava ao sr. Valentim Corrêa o seu diploma, foi este cavalheiro saudado calorosamente com prolongadas palmas.

O sr. Lino de Carvalho congratulou se em nome dos architectos portuguezes por esta homenagem ao seu antigo e estimadissimo collega.

O sr. Rosendo Carneiro poz em brilhante relevo as distinctas qualidades do sr. Valentim Corrêa, um character sem mancha, a todos os respeitos digno da homenagem que se lhe faz e que gosa do raro privilegio de não ter inimigos entre os seus collegas.

Terminando, propoz que, visto tratar-se de homenagens, se consignasse na acta um voto de louvor e congratulação ao nosso illustre consocio sr. dr. Sousa Viterbo pela sua recente publicação, já mencionada na sessão anterior, relativa a architectos e pelos importantissimos serviços que s. ex.^a tem prestado tanto ás letras como á archeologia.

A assembléa acolheu com applausos unanimes as palavras do sr. Carneiro.

O sr. Valentim Corrêa proferiu sentidas phrases de reconhecimento.

Antes de proceder-se á eleição dos corpos gerentes, o sr. Presidente participou que o sr. Gabriel Pereira lhe officiára declarando que por motivos particulares não podia continuar a servir o cargo de 1.º secretario d'esta Associação, cujos progressos lhe merecem todo o interesse, tendo tambem por todos os socios seus collegas a maior consideração.

O sr. Presidente disse que era muito para sentir esta resolução de tão illustre archeologo, mas parecia-lhe que não devia contrariar-se o desejo de s. ex.^a, que está prompto a continuar dedicada mente na direcção do nosso *Boletim*, o que representa um importantissimo serviço, que esta Associação tem no mais subido apreço e reconhecimento.

Usaram então da palavra os srs. Valentim Corrêa e Rosendo Carneiro, fazendo elogiosas referencias ao sr. Gabriel Pereira.

O sr. Soares O'Sulivand disse que lhe constava

que a assembléa queria reelegel-o para conservador do Museu, porém era certo que as suas actuaes occupações não lhe permittiam exercer este cargo com a assiduidade que desejava e por isso pedia desde já a sua escusa.

O sr. Rosendo Carneiro observou que a reeleição do sr. O'Sulivand não obrigaria este nosso prestimoso e illustrado consocio a comparecer no Museu com muita frequencia desde que, por accordo que se fizesse com os seus collegas srs. conservadores adjuntos, estes condescendessem em vir substituil-o nos seus impedimentos. Por esta occasião era-lhe grato recordar os bons serviços do sr. O'Sulivand nos trabalhos de reorganisação do nosso Museu.

O sr. O'Sulivand, agradecendo, não insistiu no pedido.

Para a gerencia em 1900 ficaram reeleitos:

Presidente da Mesa da Assembléa Geral, o Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario; Vice-Presidentes os Ex.^{mas} Srs. Valentim José Corrêa e general Antonio Pimentel Maldonado; e foram eleitos 1.º secretario Eduardo Augusto da Rocha Dias; 2.º secretario o Ex.^{mo} Sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez; 1.º vice-secretario o Ex.^{mo} Sr. Sebastião da Silva Leal; 2.º vice-secretario o Ex.^{mo} Sr. Antonio Cesar Mena Junior.

Para os cargos de thesoureiro, de conservadores e das Secções foram reeleitos os actuaes.

O sr. Simões Margiochi offereceu para a nossa Bibliotheca e para serem distribuidos aos socios presentes alguns exemplares do seu opusculo publicado ultimamente, em que se conteem os primorosos discursos por s. ex.^a proferidos na Camara dos Dignos Pares relativamente ao monumento de D. Maria I e á questão da tuberculose.

Occupando-se de um estudo do nosso socio correspondente de Vizeu, sr. dr. Maximiano de Aragão, ácerca de Grão Vasco, sobre cuja existencia se tem suscitado duvidas, disse o sr. Margiochi que este proficientissimo trabalho, em que o seu auctor conseguiu provar com documentos que existiu aquelle celebre pintor portuguez, fórma um grosso volume manuscrito e contém noticias interessantissimas, relativas não só aos quadros por elle feitos, mas tambem a tudo quanto a seu respeito se tem escripto. Entendia, pois, que esta Associação devia empregar os possiveis esforços para coadjuvar a publicação de uma obra de tanta magnitude.

Como a hora estivesse adiantada, o sr. Presidente pediu ao sr. Margiochi que renovasse na sessão seguinte a sua proposta para se poder deliberar convenientemente ácerca d'este assumpto, e em seguida encerrou a sessão.

Eram 5 horas da tarde.

O secretario

Eduardo A. da Rocha Dias.

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ESCULPTURA EM PORTUGAL

(Continuação dos n.ºs 7 e 8)

III.

Diogo Pires

De quatro esculptores do tempo de D. Affonso V vamos em seguida tratar, dando todavia a preferencia a Diogo Pires, por ser portuguez.

A ridente Coimbra parece ter sido um centro propicio á actividade esculptural. Não menos de tres officinas, ou tres gerações de artistas do cinzel vamos nós encontrar n'aquella cidade desde o meado do seculo XV até fins do seculo XVI. A máis notavel sem duvida, chegando a crear escola e produzindo grande numero de obras marcadas com o bello cunho do renascimento, foi a que teve origem no nucleo de artistas estrangeiros chamados por D. Manuel para a reconstrucção de Santa Cruz, e entre os quaes avulta João de Ruão.

Anteriormente porém a esta escola floresceram os irmãos Henriques, um dos quaes se chamava Pedro, que fizeram, por encomenda do bispo D. Jorge d'Almeida, a elegante pia baptismal da Sé. Em Coimbra, ou nas suas cercanias, trabalharam por ventura os irmãos Alvares (João e Pedro) que executaram em 1501 uma janella geminada, que se encontra em Tentugal n'uma casa pertencente ao sr. José Luiz Ferreira Freire.

Um pouco mais extensas são as noticias que temos a respeito de Diogo Pires, o Velho, assim cognominado, para se distinguir de Diogo Pires, o Moço, certamente seu filho e que seguiu a carreira do pae.

Na igreja matriz de Vouzella conservava-se ainda em 1875, embutida n'uma parede, interiormente, uma lapide com a seguinte inscripção em caracteres gothicos quadrados: *Diogo Pires, o Velho, fez a imagem de Jesus Christo*. A imagem desapareceu, não se sabendo que destino tivesse. (1)

Na *Historia Serafica* por fr. Manuel da Esperança (T. 2.º pag. 481) encontra-se a descripção d'uma imagem de Nossa Senhora, que el-rei D. Affonso V, pouco antes de morrer, encommendára a Diogo Pires, fazendo presente d'ella ao convento da Conceição de Leça, que anteriormente estivera em S. Clemente das Penhas.

«Grande gloria e muito maior da que foi em S. Clemente, está hoje possuindo esta casa com a presença da purissima Senhora, cuja Conceição immaculada alegre suavemente todas as almas devotas. He hume fermosissima e majestosa Imagem, talhada em pedra viva de oito palmos em alto, com o Minino Jesus, que lhe deu o scetro de Imperatriz do mundo, no braço derêito, onde o costumão ter outras imagens antigas, e milagrosas. Notavelmente altera a sua vista as almas, porque abrasando-as ella em devação e amor, ficão juntamente frias de pavor e reverencia. De Coimbra nos veio esta sagrada Imagem, onde a fez um esculptor ou *Santeiro*, como diz o padre Povia, chamado Diogo Pires, insigne na sua arte. Mandou fazel-a El-Rei D. Affonso V pouco antes de morrer, o qual quiz levar esta candeia diante; e por vermos a barateza com que se cõpra o Ceo, pelo feitiço lhe derão sete mil réis, e pela pintura muito pouco mais de tres.»

O chronista prosegue narrando a maneira como a imagem, descendo o Mondego, foi conduzida por via maritima n'uma caravella do Porto, cujo mestre se chamava Joam Eanes. Entrada a barra do Douro, foi transferida para o batel da nau *Santa Maria das Neves*, que furtivamente aproou á foz do Leça, subindo alegre pelo rio. A imagem foi collocada triumphantemente no seu altar n'uma quarta feira, sete de maio de 1483.

Esta data merece notar-se, porque é indicação de que a tal tempo ainda vivia o mestre imaginador.

Dez annos antes, em 18 de janeiro de 1473, lhe concedia D. Affonso V um moio de trigo de tença por anno. Esta carta, passada em Evora, é do seguinte theor:

«Dom Afonso & a quantos esta nossa carta vi-rem fazemos saber que querendo nos fazer graça e mercee a Diogo Piz, immaginador, morador em a cidade de Coimbra, temos por bem e nos praz que, des o primeiro dia de janeiro que hora passou em diantee, elle tenha e aja de nos de tença, em cada huu anno, em câto nossa mercee for, huu moyo de trigo. E porem mãdamos aos veadores da nossa fazenda que lhe mãdem despachar o dito trigo pera lugar honde lhe delle seja feito boom pagamento em cada huu año por nossa carta que lhe dello sera dada em a nossa fazeda. Dada em a nossa cidade d'Euora a X biiij dias do mes de janeiro — P.º de Payva a fez era de mill mii^l lxxij anos» (1)

Da igreja do convento da Conceição crêmos que

(1) Filippe Simões. — Archeologia Conimbricensis, a pag. 222 e seguintes dos seus *Escriptos diversos*.

(1) Torre do Tombo, Chanc. de D. Affonso V, L.º 33, fol. 6 v.º

já não existem sequer as ruínas. Dizem-nos que um dos portaes serve hoje de portão na quinta de Anthero Albano da Silveira Pinto, defronte da Cantareira, margem esquerda do Douro, junto á Foz.

A imagem da Senhora, segundo declara Antonio do Carmo Velho de Barbosa, conserva-se ainda na igreja matriz de Leça da Palmeira. Effectivamente, vimos ha pouco uma photographia d'ella.

Diogo Pires deixou um filho, do mesmo nome, cognominado o *moço*, para o distinguir do seu antepassado. Um e outro tiveram o destino de trabalhar para casas religiosas situadas á margem do pittoresco Leça. Na monumental igreja de Leça do Bailio, na capella do Ferro, do lado do Evangelho, n'um arco mettido na parede, está o tumulo de fr. João Coelho, fallecido a 26 de novembro de 1515, o qual tem a marca do artista que o lavrou: *d.º piz o moço fez*. Do mesmo artista, apesar de não terem a sua assignatura, não só pelo estylo, mas pela qualidade da pedra, são sem duvida a pia baptismal, e o cruzeiro, no caminho da igreja, duas bellas peças, mandadas executar pelo mesmo fr. João Coelho, sendo o cruzeiro do anno de 1514. A data da pia não se sabe, por estar encostada á parede a parte da inscripção que naturalmente a contém. Conjectura ajuisadamente Velho Barbosa que o tumulo seria executado em vida d'aquelle, cujo cadaver encerra, sendo a inscripção funeraria gravada posteriormente. (1)

No Museu archeologico do Instituto de Coimbra guarda-se actualmente o padrão commemorativo da reedificação da ponte sobre o Mondego em 1515. Tem a forma de painel moldurado, de 1,º84 de alto por 1,º65 de largo, avultando na parte superior do quadro, entre dous escudos do reino, a figura em meio relevo de N. Senhora na cadeira com o menino no regaço, e na parte inferior, n'uma larga tarja, que dois anjos desdobram, em allemão minusculo, a inscripção:

d.º me fez

Ayres de Campos pretende que este D.º seja Diogo de Castilho, mas tal opinião parece-nos menos plausivel, não estando talvez Diogo de Castilho n'aquelle anno em Coimbra, achando-se occupado, em 1517 nas obras do mosteiro de Belem. Filipe Simões, com mais probabilidade, pende para Diogo Pires, mas quem sabe se um *tertius gaudet*, um simples Diogo, não seria o autor do retabulo?

(1) A. do C. Velho de Barbosa — *Memoria historica da antiguidade do Mosteiro de Leça*, chamada do Balio (Porto, 1852), pag. 58 e seguintes.

IV

Gil Eanes

Foram numerosos os artistas e operarios que trabalhavam no mosteiro da Batalha, que, por força ou por vontade, se alistaram na hoste do infante D. Pedro e assistiram com elle á batalha d'Alfarrobeira. Os vencidos soffreram as duras leis da guerra que vigoravam n'aquelle tempo, sendo-lhes sequestrados os bens em favor dos partidarios do rei. Gil Eanes foi uma das victimas, mas D. Affonso V perdoou-lhe, attendendo não só a elle ter sido violentado, mas a ser tambem um bom official do seu officio e muito pertencente para lavrar nas obras do historico mosteiro. A carta de perdão, na qual é designado por imaginario, tem a data de 11 de janeiro de 1451.

O Cardeal Saraiva, na sua Memoria sobre a Batalha, no IV catalogo dos artistas d'aquelle obra, apenas faz d'elle esta singela menção:

Gil Eannes, imaginador, 1465

Pelo nome, parece ser portuguez.

Eis na integra a carta de perdão:

«Dom Afonso etc. A todollos corregedores, juizes e justicas dos nossos regnos e a quaes quer outras pessoas de quall quer estado e condiçom que sejam, a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, per quall quer guissa que seja, saude, sabede que nos deuulgamos jeeralmente per nossos Regnos per nossas cartas que todos aquelles que foram na batalha com o Iffante dom Pedro contra nossa pessoa e reall estado encorressem em certas penas -s- que nom ouuessem priuilegios nem outras liberdades e fossem enfamados e privados de toda sobceson e deuassos ao concelho, segundo mais compridamente em a dita carta he contheudo, e como quer que Gil Eanes, imaginador das obras do nosso moesteiro de Santa Maria da Vitoria, viesse com elle per força, segundo afirma, e por que tall pessoa per tall officio nom auia de guanhar de comer, e por que entendemos que assy he verdade como diz, e por seer tall official de seu officio que pera laurar em a obra do dito moesteiro he muito pertencente, nossa merce e vontade he que quall quer casso que contra elle possa seer posto que por elle podesse encorrer em maaõ nome lhe nom possa empeece e o auemos dello por releuado, assy como o elle era ante da vynda da dita batalha, por assy seer mesteirall e seruidor nas obras do dito moesteiro: pella quall razã mandamos que elle aja e possa auer e gouuir

de todallas honras, priuilegios e liberdades, franquezas, que ham os mesteyraes que conthinuadamente obram nas ditas obras. E porem mandamos a uos sobre ditas justiças e pessoas de nossos regnos que compraes e guardees e façaes conprir e guardar esta nossa carta assy e tam conpridamente como em ella he contheudo, e lhe nom vaadês nem consentaaes hir contra ella em maneira alguma sem outro alguu embargo que sobre ello seja posto, unde al nom façades. Dada em Santarem XI dias de janeiro — Vaasco Miz a fez — ano de nosso Senhor Ihu Xpo de mil iij^o lj.» (1)

V

Henrique Francez

Outro esculptor da Batalha, mas bastante posterior. E' designado por *antratalhador* ou entalhador, o que faz crêr que elle trabalhava em madeira, mas um documento official o denomina conjunctamente pedreiro. Ignoramos o seu appellido substituido pelo patronimico *Francez*, que bem designa a sua terra natal. Residia na villa da Vitoria e em carta de 31 de maio de 1342 D. João 3.^o o isentou de servir nos cargos do concelho.

O Cardeal Saraiva faz d'elle a seguinte menção:

Henrique Francez, entalhador, 1555

Eis a carta do privilegio:

«Dom Joham etc. A quãtos esta carta virem fço saber que Amrique Frances, pedreiro, amtrealhador, morador na villa da Vytoria, me emvio dizer per sua emformaça que algumas vezes era costrãgido pera servir nos officios do cõcelho da dita villa, nos quaes nã podia servir asy por ser homem estrãgeiro de fora do Reino e nã saber emteder as ordenaçõs nem o que cupria a cada hun dos ditos officios, como por ser o mais do tempo ocupado em minhas obras, e avedo de servir nos ditos officios, alem de os nã saber servir, perderia muito de sua fazenda, pedindome que ouuesse por bem de o escusar de servir os ditos officios, e visto per mym seu requerimeto e pela mais emformaça que delle tenho, ey por ben e me pras de o escusar que nã sirua officio alguu do cõcelho da dita villa, ainda que elle seja eleito per eleiçã e posto que seja dos quatro officios de que a ordenaçã mãda que pesoa algua nã seja escusa. Nofifico o asy ao corregedor

da comarca da dita villa e aos juizes e officiaes della e quaes quer outros corregedores, juizes e officiaes, a que esta carta for mostrada e o conhecimento pertencer, e lhes mãdo que nã costrãgam o dito Amrique Frances pera servir officio alguu do dito concelho, per que o ey dito per escuso como dito he, sem embargo da dita ordenaçã, per que asy o ey per bem. Amdre Glz. a fez em Lisboa ao deradeiro dia do mes de mayo, ano do nascimento de nosso Senhor Ihu xpo de mill e quinhelos e quorela e dous anos. Jorge Roiz a fiz sprever.» (1)

VI

Filipe Bretão

Crêmos que é pela vez primeira que este nome se archiva nos annaes da arte portugueza. O seu appellido parece-nos designar procedencia estrangeira, talvez da Bretanha franceza. Era imaginador, ou antalhador de imagens. Em 1473, a 10 de febreiro, D. Affonso V o tomou por seu, sob sua guarda e encomenda. A respectiva carta de privilegio é do theor seguinte:

«Dom Affonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos tomamos hora por nosso e em nossa especiall guarda e emcomenda mestre Felipe Bretão, amtalhador de ymageems, mostrador da presente. E porem rogamos e emcomedamos aaquelles que com razam devemos. E mamdamos a todollos outros nossos corregedores, juizes e justiças, hofeciaes e pesosas a que esta nossa carta for mostrada, que, por o dito mestre Filype asy ser nosso, ho homrrem e traudem e fauoreçam como nosso propio criado e lhe nom façam nem comsentão a elle nem a coussa sua fazer alguu agrauo nem sem razam, e em casso que lhe feita seja, lho façam coreger como for direito seemdo certos os que hoo asy comprirem que nos faram em ello prazer e serviço e do contrairo nos desprazerã. Dada em a nossa cidade dEvora a XI dias do mes de feureiro — ElRey ho mãdou per Ruy Gomez d'Aluarenga, Doutor em leix, caualleiro conde pelatino, do seu conselho e seu chamceler moor. Gabriell Gill por Fernã d'Almeida, fidalgo da cassa do dito senhor e escprivam da sua chamcelaria, a fez ano do nacimiento de nosso Senhor Ihu X.^o de mill e iiii^o lxxij anos.» (2)

Sousa Viterbo

(1) Torre do Tombo, Chanc. de D. Afonso V, L.^o 11, fol. 5.

(1) T. do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, L.^o 33, fol. 84.

(2) T. do Tombo, Chanc. de D. Affonso V, L.^o 33, fol. 57.

O MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

O templo e o convento de Nossa Senhora do Vencimento, do Monte do Carmo, foram fundados pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. O título do *Vencimento* foi applicado pela devoção geral; porque o fundador sempre lhe chamou *Santa Maria do Carmo*. Em 1385, a 14 d'agosto, feriu-se a memoravel batalha de Aljubarrota; foi uma victoria decisiva de portuguezes contra castelhanos. Tão fulminante essa batalha entre exercitos desproporcionados, 11 mil combatentes, na maioria arraia miuda, pouco disciplinada, contra os 30 mil de Castella bem armados e organizados, que pareceu devida a auxilio sobrenatural, a caso de milagre.

O rei D. João e o seu condestavel fizeram votos á Virgem Maria, abrasados em fé e no amor da patria; e cumpriram seus votos depois da victoria que veio confirmar a independencia de Portugal. D. João I fez erguer essa maravilha de N. S.^a da Victoria da Batalha. D. Nuno veio fundar o templo de N. S.^a do Vencimento, Santa Maria do Carmo, escolhendo esta altura sobranceira a Valle Verde, hoje a praça de D. Pedro, o Rocio, e fronteira ao soberbo monte onde ergue a sua bella coroa de torres e quadrellas o castello de S. Jorge.

Outros escriptores dizem que o voto se fizera não em Aljubarrota, mas na renhida batalha de Valverde, nas proximidades da cidade de Mérida.

Basta a origem do edificio para o constituir monumento historico.

Em julho de 1389 começou a obra.

Por duas vezes houve catastrophes na construcção sendo preciso profundar e reforçar muito os alicerces; mas o condestavel insistiu e venceu. Ficaram bem feitos sem duvida esses alicerces, porque a construcção alterosa, erguida sobre esse cabeço de rapidissimo declive, tem resistido a inverneiras e terremotos, mantendo o seu aprumo.

Em 1407 reforçaram a parede sul, depois de ter apparecido uma fenda no frontespicio, entre a porta principal e o cunhal. N'esse mesmo anno vieram de Moura, do convento de N. S.^a do Carmo, alguns religiosos, chamados pelo condestavel, e começou logo a vida de communidade.

O templo, porém, só ficou prompto em 1423,

celebrando-se a cerimonia da sagração em julho de esse anno.

Em 15 d'agosto do mesmo anno o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem, de Arrayolos e Barcellos, o glorioso chefe militar dos Atoleiros, de Aljubarrota e de Valverde vestia ahi o habito de donato carmelita; tinha 63 annos de idade.

O santo condestavel fundador falleceu em 1 de novembro de 1431.

O templo do Carmo, e nelle a sepultura do fundador tornaram-se centro das romarias piedosas do povo. Primeiramente esteve em sepultura raza no meio da capella môr; poucos annos depois de fallecido já estava no tumulo monumental, de que infelizmente resta uma imitação pobre.

A gente do povo nesses bons tempos de crença e fé ia dançar e cantar em roda d'esse tumulo de onde sahia tamanha lição de amor patrio e de abnegação das cousas do mundo. Velhos chronistas nos conservaram lembrança das poeticas usanças, e até as singulares cantigas entoadas pelo povo, por quem D. Nuno foi logo considerado santo. E todavia ainda não é oficialmente Santo apesar de ter culto em varias partes; o longo processo de canonisação ainda está pendente em Roma.

A frontaria actual conserva bem as linhas geraes. O portal é o primitivo, amplo, formado por seis arcos ogivais apoiados em finos columnelos de pequenos capiteis de ornamentação vegetal com pequenas cabeças humanas, salientes, em fina escultura. O portal está no seu lugar; descia-se como se desce agora para o templo; a descida para o portal, o soterramento da fachada é mais recente; todavia é esta elevação do largo do Carmo muito anterior ao terremoto de 1755.

Porque fr. José Pereira de Sant'Anna na Chronica dos Carmelitas impressa em 1745 diz a respeito da porta do templo — Da parte do adro occidental, onde a terra fica mais alta que o pavimento da egreja só a metade superior do dito portico apparece. Depois que se entra na egreja, e se descem os treze degraus de marmore, que encaminham para o seu pavimento, então se vê inteiramente todo o portico, tão singular na materia, como proporciona-do na architectura.



Vilhena Barbosa descreve assim este monumento : O templo é de tres naves, iguaes na altura, divididas por cinco arcos ogivães de cada lado, sustentados por feixes de delgadas columnas.

Desde o portal até ao fundo da capella-mór contam-se 71,94 metros.

Largura, 22.

Comprimento do cruzeiro 33.

Altura das naves 24,64.

Tinha este templo 23 capellas reconstruidas com magnificencia nos principios do seculo XVIII, sendo revestidas de finos marmores de côres diversas, era lavrados em delicados relevos, ora burnidos e lustrosos como espelhos. Os vãos da nave do meio, que medeiam entre os arcos, sobre as columnas, eram guarnecidos de paineis com molduras douradas.

Nos topos do cruzeiro estavam duas sumptuosas capellas, abertas em toda a altura da igreja, e com retabolos de talha dourada.

Em uma d'estas, dedicada a N. S.^a da Encarnação, celebrou missa algumas vezes o que foi apostolo das Indias, S. Francisco Xavier.

No mesmo cruzeiro havia mais quatro capellas collateraes da capella mór, consagradas a N. S.^a sob diversas invocações.

Nas columnas junto ao cruzeiro estavam dois pulpitos de marmore, primorosamente cinzelados. A capella mór tem duas ordens de janellas, sendo a inferior, a primitiva, de ogiva, a superior de volta redonda, na face interior, mas de ogiva na exterior.

Adornavam esta capella mór excellentes paineis, devidos ao pincel de um distincto pintor portuguez,

Braz de Avelar, e obra de talha primorosa feita pela maior parte em 1510, por Pedro de Frias. Ahi se admiravam as celebres cadeiras do côro, de talha relevada com infinita variedade de figuras, de arabescos, folhagens e flores, obra do exímio esculptor Diogo da Costa (?), em 1548.

Na entrada da capella via-se uma grade de ebano e dois pulpitos da mesma madeira com guarnições de bronze dourado, fabricados com muita perfeição.

O pavimento da capella mór era de marmores de côres em xadrez.

O mais notavel dos monumentos funebres era o do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Fôra enterrado no meio da capella mór, em sepultura rasa: mas a infanta D. Izabel, filha de D. João I e duqueza de Borgonha, mandou de Bruxellas um sumptuoso mausoleu para encerro do corpo do coudestavel; foi a simples campa rasa substituida pelo sarcophago monumental. Em 1548 mudaram o tumulo para o presbyterio do lado do evangelho. Conserva-se ainda o vão onde estava o sarcophago.

Era um mausoleu de fino alabastro. Compunha-se de uma caixa ou urna com 2^m,60 de comprimento, em cujas faces estavam esculpidas em relevo as santas imagens, que em vida trazia pintadas na sua bandeira, e juntamente figuras de anjos com os escudos d'armas dos Pereiras.

A caixa descansava sobre tres leões, e tinha em cima da tampa a estatua do condestavel, em vulto inteiro, deitada, e vestida no habito carmelitano, empunhando na mão direita o cajado em que

costumava apoiar-se na velhice, e na esquerda o livro de orações que trazia sempre comsigo.

Junto do tumulto erguia-se a estatua de um gentil mancebo, em pé, com 1^m.50 de altura, vestida de armas brancas, com peito, manoplas, grevas, espaldar, espada á cinta e uma grande hacha de armas na mão. Representava D. Nuno Alvares Pereira na sua juventude e na forma por que sahia a pelejar.

Na parede contigua ao mausoleu lia-se o epitaphio seguinte: «*Aqui jaz a muito honrada e virtuosa dona Iria Gonçalves madre do santo conde que mandou fazer este mosteiro*».

Havia no mosteiro alguns jazigos da casa de Bragança, e muitos de pessoas notaveis, como o de Antonio Ferreira, o auctor da tragedia *D. Ignéz de Castro*.

Estavam entre as joias da igreja a espada do condestavel, e o sceptro de ouro que fora tomado na batalha de Aljubarrota a D. João I de Castella. A espada salvou-se felizmente, e está hoje no gabinete da numismatica d'el-rei.

Na sacristia e no claustro havia muitos jazigos. Um letreiro em gothico dizia: «Esta sepultura he de João de Guimarães, Alfageme» Era o famoso alfageme de Santarem que corregeu a espada do condestavel, deliciosa tradição aproveitada pelo grande genio de Almeida Garrett, no drama *O Alfageme de Santarem*.

Jaziam tambem no claustro o jurisconsulto Manuel Alvares Pegas, o padre Antonio Carvalho da Costa, auctor da *Chorographia Portuguesa*, Garcia Mendes de Castello Branco, um dos primeiros conquistadores do reino de Angola.

Era um conjuncto formidavel de arte, de tradições gloriosas, de grandes abnegações.

No dia 1.^o de novembro de 1755 pouco depois das 9 e meia da manhã tremeu a terra; os primeiros impulsos foram de baixo para cima, em augmento de violencia; depois houve um grande balanço de norte para sul. Desabaram os edificios, Lisboa ficou n'uma ruina enorme, envolta em pó, e ao horror do terremoto veio juntar-se a devastação do incendio.

Na igreja abateu logo no começo do abalo a abobada do cruzeiro, a seguir a do corpo da igreja. Era dia solemne! dia de Todos os Santos, e, áquella hora, havia luzes em todos os altares; o fogo pegou nas armações de damasco; as talhas douradas, que eram muitas, formaram a grande fogueira; o fogo lavrou na igreja e convento em-

quanto encontrou combustivel; nas paredes que existem hoje, especialmente nas capellas, vê-se a silharia toda estalada; foi medonho.

Morreram muitas pessoas, só dos religiosos pereceram 14.

Depois os carmelitas, de que então era provincial fr. José Pereira de Sant'Anna, trataram de reedificar o convento, improvisando uma igreja para o culto junto da antiga; depois da reconstrução do convento os padres começaram a reedificar o antigo templo. Faltaram os meios, vieram as grandes perturbações, e os trabalhos pararam de todo ao findar do seculo passado. Trataram de seguir a traça geral do templo primitivo na reconstrução, mas o tempo era outro, estavam longe então de entender a austera ogiva, por isso essas bases das columnas estão em desharmonia com os fustes, e por isso, felizmente, tudo o que é da primitiva ali se destaca frisantemente do que é justaposto ou moderno.

Extinctas as ordens religiosas, estabeleceu-se no convento o quartel da guarda municipal.

O antigo templo, essa magestosa ruina, esse monumento, ficou abandonado, ou peor ainda, tornado em armazem de lixo, esquecido em espantosa e criminosa indiferença ou estupidez.

Em 1864 estabeleceu-se ali a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. Tirou-se o entulho, 8 mil carradas!

As capellas abobadadas foram aproveitadas para salas de exposição de objectos miudos, para sessões etc., e as grandes naves descobertas para os objectos maiores, estatuas, grandes tumulos, capitais, janellas que não soffrem com a exposição ao tempo.

Diz Vilhena Barbosa: — operou-se então no venerando monumento do seculo xiv uma grande transformação, devida á intelligente, patriotica e incansavel actividade do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto civil muito distincto, fundador e presidente d'aquella esclarecida e benemerita Associação. —

Ultimamente, devido á influencia do actual presidente, sr. conde de S. Januario, o Museu teve grandes melhoramentos, podendo affirmar-se que efferece um conjuncto de elementos de estudo muito apreciavel, e n'uma installação digna. Não se deve esquecer que a Associação é formada por um pequeno numero de socios, sendo por isto os seus recursos mui diminutos.



PRIMEIRA SALA

André de Rezende

Assim denominada em homenagem à memoria do grande antiquario e humanista português do sec. XVI.

É uma capella bem conservada em todas as suas linhas principaes: paredes, frestas, abobada. Bello exemplar do ogival do sec. XIV. Está a descoberto, como embutida na parede, a pequena porta ogival que communicava com o convento. Na silharia tizada pelo tempo apresenta-se variedade de signaes dos canteiros.

Está aqui como em lugar de honra o sarcophago romano, com estatuetas em alto relevo representando Apollo Musageta, no meio do côro das musas.

Partindo da esquerda para a direita reconhecemos Polimnia, Terpsichore, Talia, Caliope, Euterpe, e logo, dominante, o Apollo; a seguir Melpomene, Erato, Urania e Clio. Apollo Musageta tem a mão direita erguida e dá o signal do cantar, aqui o do cantico ultimo da vida; tendo estendidos o dedo indicador e o medio. Nos dois lados, genios alados apagando os fachos; no quarto nenhuma esculptura, o que parece indicar que o monumento estaria encostado.

(Museo espanol de antiguedades, T. II 1873, p. 235). Este sarcophago, e o do museo do Porto (achado no Alemtejo) são monumentos de arte romana, de primeira ordem.

Mosaicos romanos, bellos e grandes exemplares. Fragmentos de argamassas. Lapidés romanos com lettreiros; marcos milliarios. Amphora romana. Inscriptão hebraica. Uma pequena ara. A estatua do Douro, que esteve na barra d'este rio, esculptura rude, talvez da epocha romana.

Modelo em gesso, muito perfeito, do pulpito de Santa Cruz de Coimbra, admiravel monumento artistico da renascença.

Alguns modelos, muito instructivos do *Circo maximo*, *theatro de Pompeia*, *Acropole de Athenas*, *Parthenon*, *Pyramide egypcia*, *templo de Karnak*, etc.

SEGUNDA SALA

D. Fernando II

El-rei o sr. D. Fernando II foi grande amigo da Associação; se elle era um culto sempre prompto a proteger as bellas-artes! em qualquer das suas manifestações; artista, desenhista, ceramista delicado, humorista de primeira agua, colleccionador intelligente, exerceu uma grande influencia na Arte portugueza.

Esta sala é um formoso exemplar de architectura ogival. Os feixos da abobada conservam os seus ornatos. Mostram-se ainda as portas em ogiva, sendo a maior a que diz para a capella mór, ou sala principal. Na reconstrução d'essa porta vê-se bem o que isto era e o que os bons carmelitas iam fazer.

Nesta sala está o gentil busto de D. Fernando II assignado — *Aug. Arnaud*, 1866.

Retrato do imperador do Brazil, D. Pedro II, amigo e visitante do museu. E devido ao pincel do nosso socio benemerito, sr. Felix da Costa.

Retratos da rainha sr.^a D. Maria Pia, e do sr. conde de S. Januario, nosso actual e dedicado presidente, a quem esta Associação deve de ha muito singulares serviços.

Retrato do architecto Possidonio da Silva o nosso inolvidavel presidente e fundador, pintura devida ao pincel brilhante de Felix da Costa.

Retratos de Ludovice, de J. Silvestre Ribeiro, de J. Costa e Silva, de Manuel da Maia, Costa Sequeira, Pires da Fonte, Vilhena Barbosa, Filippe Simões, Oliveira Cruz, Feijó, Verissimo José da Costa, Costa Lima, etc.

Nesta sala está a nossa pequena, mas selecta livraria.

Collecção de photographias dos objectos de ourivesaria do Palacio das Necessidades. Talvez, creio, a unica serie de photographias agora existente.

Nas vidraças d'esta sala estão varios objectos de alto valor archeologico, e alguns desenhos dos principaes achados em Portugal, por exemplo dos torques da Penha Verde e de Penella. Varios typos de machados de bronze, originaes; collecção muito notavel.

Estampas da ceramica prehistorica de Palmella. Modelos de typos de machados, em gesso. Aguarellas antigas do dolmen de Gontinhães, e da notavel construcção de Castello de Paiva.

Ardosias lavradas, raridades prehistoricas, do territorio hoje Portugal; duas originaes, modelos em gesso, e estampas.

Machados de pedra criginaes, do terreno português, typos diversos, e de varias grandezas.

A respeito da nossa livraria, devida quasi exclusivamente a donativos, estão publicados no Boletim relatorios annuaes, devidos ao benemerito bibliothecario, sr. visconde da Torre da Murta.

TERCEIRA SALA

D. Nuno Alvares Pereira

E' a sala principal do nosso Museu; a capella mór do grande templo fundado pelo condestavel.

Nun'Alvares, o santo condestavel. A nobreza da construcção, pura ainda nas suas linhas principaes, moldura bem o tumultuar do pensamento recordando os episodios gloriosos da historia patria. Nessas aprumadas paredes tisnadas pelo tempo, pelo in-

cendio, resistentes aos terremotos, pousaram os olhos do homem de guerra a quem o povo chamou santo. A catastrophe abateu a abobada, os carmelitas da decadencia quizeram transformar, alindar, modernisar a seu gosto; não venceram a primitiva construcção, erecta sobre o monte alteroso que defronta o do velho castello da cidade.

As portas bonitas da reconstrucção começada não apagaram as religiosas ogivas de N. Sr.^a do Vencimento. As altas paredes de silharia estão firmes, e aprumadas as cinco ogivas elegantes voltadas a nascente; as pedras estaladas testemunham o pavoroso incendio; a abobada de tijolo recorda o desastre do ultimo grande terremoto.

Ha nesta sala grandes collecções de azulejos, bellos exemplares, de varias edades e proveniencias. Em Portugal conservam-se felizmente azulejos arabes, hespanhoes, hollandezes, ao lado de uma riqueza infinita de azulejos nacionaes.

Temos aqui uma bella collecção de azulejos mouriscos que vieram do Funchal, da ilha da Madeira!

Isto explica-se; os portuguezes descobriram a ilha da Madeira, e logo os donatarios, as colonias, os agricultores ergueram templos ao lado das casarias; e tudo levaram da mãe patria, a sua bondade, a sua cultura, o seu gado e os seus vegetaes, pedras para as fortalezas, e a sua arte decorativa, as suas bombardas e as suas quinas, os seus santos, as suas festas, os seus costumes, a sua lingua.

Levaram até os azulejos que então aqui se usavam, para as egrejas que foram erguer nas ilhas atlanticas que iam povoando. Por isso eu acho uma significação alta nesses azulejos que vieram do Funchal.

Mas ao lado d'estes temos azulejos velhos de Portugal, bellos exemplares de azulejos de Delft, alguns excellentes da renascença portuguesa, e muitos, e excellentes exemplares dos azulejos portugueses do sec. xvii e xviii.

O modelo da estatua de Nun'Alvares, joven e armado, merece attenção, tem alguns dados verdadeiros.

— Anjos de marmore de Carrara.

— Fragmento de um friso, finissimo, do Renascimento.

— Duas mumias peruvianas, exemplares de muita raridade.

— Uma collecção de faienças portuguesas e francesas.

— Modelos do templo de Jerusalem e do Pantheon de Agrippa.

Os projectos de monumentos de D. Pedro IV e do duque da Terceira.

— Modelos em madeira dos castiçoes, custodia e sacras da egreja da Estrella.

— Um crucifixo em pedra de alta antiguidade.

— Uma linda collecção de photographias da Batalha,

de Coimbra, S. Marcos, Sé da Guarda, Abrantes, Portalegre, Aveiro, Oliveira do Conde, Goes, Cellas, Beja, Montemor-o-velho, Agueda, Evora, etc., executada pelo conhecido Sartoris, de Coimbra.

QUARTA SALA

Possidonio da Silva

Em homenagem ao fundador, e constante amigo da Real Associação, se escolheu este nome para designar esta sala, installada na capella á direita da principal.

Temos aqui objectos mui dignos de attenção.

— O modelo em madeira do tumulo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, encimado pela sua estatua jacente, que nos mostra o heroe vestido no austero habito de carmelita; e segurando na mão em vez da hacha d'armas o humilde e tosco bordão. Na face anterior do sarcophago está esculpida a sua bandeira tal como n'ella descreve a sua chronica. O primitivo tumulo monumental foi destruido pelo terremoto e os carmelitas trataram de o substituir por este modelo, que certamente não reproduz bem o primeiro monumento. Os ossos do condestavel estão depositados de ha muito n'uma capella de S. Vicente.

Os modelos em gesso das elegantes sobreportas da sala da Camara dos Pares são devidos ao esculptor Calmels que de ha muitos annos reside entre nós.

A collecção de decalcos de baixos relevos egypcios é unica em Portugal e de grande merecimento; tanto mais que os nossos museus são de extraordinaria pobreza em antiguidades egypcias.

No grande armario envidraçado guardam-se objectos de varias proveniencias.

— Temos uma collecção de pesos e medidas de bronze do seculo xvi. Ha ainda collecções ou objectos avulsos d'estes, em algumas camaras municipaes.

São mais vulgares as de D. Sebastião.

— No esplendido museu do Arsenal do Exercito ha muitos jogos completos de antigos pesos e medidas.

Algumas antiguidades do Mexico, rarissimas em Portugal.

— O grande relevo representando o Calvario, delicadissima escultura em marmore fino.

Os quatro passos do *Senhor*, esculturas em alabastro, de alto merito pela sua antiguidade; representam a *prisão*, a *flagellação*, o *enterro* e a *resurreição*.

Em muitos pontos a pedra foi pintada e doura-

da, uso geral em tempos antigos; na *flagellação* são bem visiveis ainda os vestigios da pintura e do dourado primitivos.

Ha mais esculturas analogas em Portugal, no museu das Janelas Verdes, por exemplo. Em tempo affirmou-se que eram esculturas provenientes da India; são muito anteriores ao descobrimento.

N'estas do nosso museu ha fragmentos ainda dos caixilhos ou molduras tambem em alabastro, em pronunciado estylo ogival, gothico segundo alguns dizem impropriamente, que se pode attribuir ao seculo xiv.

Imagem de N. S.^a sobre um alto pedestal, trabalho interessante executado na Bahia (Brazil). São sempre dignos de attenção os objectos d'arte portugueza executados no Ultramar.

O artista portuguez encontrou materias primas de outra qualidade, outro meio, outras suggestões; e o artista ultramarino quiz com os seus processos imitar objectos portuguezes. E este movimento foi enorme, porque foram o sportuguezes que levaram á India, á China, ao Brazil, a egreja, o castello, a náó, o livro, a imagem do santo, e esses mesmos trouxeram a Portugal não só as especiarias e as perfumadas madeiras, e as finas sedas, e as fiadas de perolas, mas ainda o mobiliario, as porcelanas, os pequenos utensilios de uso caseiro.

N'essa mesma vidraça estão outros objectos de proveniencia ultramarina, como as molduras e cruzes de madreperola gravada.

N'esta sala estão uns lampeões monumentaes, grandiosos, que eram dos corredores de S. Bento.

A grande *prensa* de bronze, da Casa da Moeda, com inscripção, labores e a data 1678.

QUINTA SALA

Affonso Domingues

E' dedicada á memoria do architecto Affonso Domingues; e destinada a conter amostras de materiaes de construcção.

O nosso paiz é pequeno em territorio, mas comprehende grande numero de formações geologicas; granitos, diorites, basaltos rasgam em muitos pontos os schistos, jurassicos, cretaceos em grande variedade.

Alguns calcareos soffreram fortes energias metamorphicas. Estes factos explicam o grande numero e variedade de aguas thermaes, e a enorme diversidade de liozes e marmores. Cada terra tem o seu barro e a sua cal; e é bem curiosa e digna de estudo a variedade nos processos de construir.

O typo da casa da morada varia de região para região.

Ha no Minho e em Traz-os-Montes casas urbanas ou ruraes construidas de poucos, enormes silhares, e no sul do paiz ha casas de taipa.

Usa-se em uns pontos o ladrilho e o formigão para fôrro do pavimento, em outros de pinho da terra, do lagedo, e até da simples terra batida coberta de plantas agrestes aromaticas.

A nossa collecção de materiaes de construcção não é rica ainda, nem mesmo completa. Não se imagina a quantidade e riqueza das collecções de materiaes de construcção que se tem feito em Portugal, para mandar a exposições no estrangeiro.

Creio que essas collecções não tem voltado a Portugal; não sei onde param. A nossa Associação alguma coisa tem, marmores, granitos, tijolos, telhas, areias, caes, cimentos, mas não está ainda bem. Depois é indispensavel obter preços, noticias dos meios e custos do transporte, etc. para que uma collecção d'estas tenha uma importancia util.

Os fabricantes poderiam ter aqui suas amostras que seriam perfeitos reclamos aos seus productos. Isto teria ainda outra significação, porque de Portugal exporta-se cal; tem sahido pedra para o Brazil e para Hespanha; e, como é natural, o nosso Museu é bastante visitado por estrangeiros.

CRUZEIRO

A meio do cruzeiro ergue-se a estatua colossal da rainha D. Maria I sobre um pedestal quadrado; em tres faces da base estão relevos allusivos á fundação da Casa Pia, das Academias de Marinha e Commercio, brazão de Portugal, e um marmore em branco, que era destinado á inscripção do monumento; existe no museu das Janellas Verdes o modelo deste monumento; as quatro lindas estatuas que ladeavam o pedestal estão agora na Avenida da Liberdade, no cruzamento com a rua Alexandre Herculano.

Temos agora uma obra prima d'arte, de primeira ordem: uma grande janella do antigo convento dos Jeronymos, de Belem; eram duas, felizmente salvou-se este magnifico exemplar, a outra sumiu-se por lá, na alvenaria moderna d'aquella infeliz construcção.

A bella estatua de S. João Nepomuceno, que esteve na antiga ponte de Alcantara, é do escultor Antonio de Padua.

As pedras byzantinas, provenientes do antigo mosteiro de Chellas, são exemplares mui distinctos.

A pequena e tosca estatua que segundo a tradição representa D. Affonso Henriques, com a cruz e a espada, é muito interessante no seu inge-

nuo trabalho. Que é obra d'arte muito antiga não ha duvida.

Agora reparemos na grande nave. Os tumulos de S. fr. Gil, de D. Constança, de Gonçalo de Sousa, de D. Affonso Sanches, de el-rei D. Fernando I, de Ruy de Menezes, são notabilidades de primeira ordem: monumentos d'arte dos seculos XIII a XVI.

O pelourinho de Turquel, do couto de Alcobaça, a taça de fonte de origem mourisca, os velhos capitais, fechos de abobada, brazões, e muitas outras esculpturas, as inscripções sepulchraes ou commemorativas, etc., tornam este conjuncto digno de muita attenção.

Encostadas á parede da direita temos as bellas grades em ferro forjado, com ornatos de bronze que pertenceram á igreja de Mafra, onde felizmente ainda outras eguaes a estas estão no seu logar; estas estiveram arriscadas a ir para o ferro velho, salvou-as esta nossa Associação.

Na grande nave vê-se bem a historia do desastre d'este bello templo, monumento historico de primeira ordem. Houve o terremoto, o incendio. As grandes abobadas desabaram, ficaram só as das pequenas capellas do cruzeiro.

Os frades começaram a reconstrucção tentando seguir a antiga fôrma.

Mas os tempos eram outros. As grandes ogivas assentam em bases de estylo mui differente, nas capellas as portas modernas brigam com os barretes das coberturas sulcados de fortes cordões, com as finas espirituas lancetas dos fundos.

Em muitos pontos ainda antes do terremoto, trataram de alizar paredes para assentar xadrezes de azulejos vulgares.

Ia ser uma reconstrucção infeliz.

Que resta da primitiva pureza?

Muito ainda assim, o portico principal, o lateral, o exterior e interior das capellas do cruzeiro e da capella mór.

Essa construcção negra, austera, que se avista de muitos pontos de Lisboa, do Rocio, por exemplo, foi ainda olhada pelo condestavel fundador; elle passou ainda por esses portaes, e orou sob as abobadas dessas capellas tisnadas.

As gravuras que publicamos são reproducções de finas estampas que acompanham a descripção do mosteiro do Carmo, na *Chronica dos Carmelitas* de fr. Joseph Pereira de Sant'Anna (Lisboa, 1745).

A da fachada do templo occupa a parte superior da pagina 282, do tomo 1.º

São gravuras de Debrie, que tanto trabalhou em Portugal, datadas de 1743; documentos preciosos tanto mais que nos mostram o edificio antes da grande ruina de 1755.

E' a frontaria actual derrocada na parte superior; o portico bastante soterrado, as janellas lateraes já quadrangulares, o *oculo* sobre o portico ogival é um circulo singelo; ao lado direito mostram-se os tres arcos de apoio á parede sul da egreja; á esquerda vê-se a portaria que ainda subsiste.

No terreiro ante o portal temos um grupo interessante: o condestavel falla a uns carmelitas; homens d'armas junto do condestavel; e atraz dos carmelitas um canteiro labôra numa pedra. No segundo plano um grupo de frades marca a portaria.

O condestavel está descoberto, mas com armadura e pelote, tendo na veste bordada a cruz, que se vê tambem no escudo de um dos homens d'armas. O gravador provavelmente leve á vista o retrato da chronica do condestavel. De passagem direi que eu tive occasião de ver ha poucos mezes um retrato do condestavel, corpo inteiro e tamanho natural, pintado a oleo, no palacio Cadaval a Pedrouços, que me parece retrato historico de primeira ordem.

A outra gravura, a que mostra o templo e mosteiro vistos do nascente, é muito interessante tambem.

Está a pag. 371 da obra citada. Mostra o exterior da capella mór, a torre, o convento, algumas pequenas casas, a grande parreira, e parte de um terreiro arborizado.

Vê-se o grande arco, varanda e a janella conventual, nas linhas geraes que são as actuaes.

Agora tem mais um andar ou pavimento; e parreira e arvores desapareceram com as modernas construcções.

No primeiro plano temos um grupo de figuras finamente gravado por Debrie; o condestavel, seguido de tres carmelitas, conversa com o architecto que está de chapêu na mão; um canteiro trabalha uma pedra.

Aqui o condestavel está no habito conventual que elle usava, com um livro na mão direita e o celebre cajado na esquerda.

O que me chama a attenção ainda mais é o exterior da capella mór onde vejo as duas series de ogivas, superior e inferior, as debaixo meio encobertas de alvaneria; e toda a construcção encimada por ameias que me parecem em forma de dados, ou cubos, com pyramides quadrangulares sobre elles, de bases maiores que as faces dos dados. Conheço outras ameias assim em varios pontos do paiz, em edificios do seculo xiv.

A torre que a estampa mostra não era seguramente a primitiva, e approxima-se bastante da actual.

INDICE

DO ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

Primeiramente tratarei do Archivo (Lisboa, 1865): os numeros indicam as columnas, pois cada pagina se divide em duas columnas, com sua numeração em baixo: só menciono os trabalhos principaes.

Elogio historico de José da Costa e Silva, c. 9.

Elogio historico de João Frederico Ludovice, c. 13.

Planta geral do convento e palacio de Mafra, em grande folha dobravel.

Dirk Stoop, gravador e pintor, c. 19. E' o autor das celebres estampas allusivas ao casamento de D. Catharina, que foi rainha da Inglaterra.

Claustros dos conventos, c. 37.

Architectos, c. 39.

Paço da Ajuda, as novas salas, c. 41.

Idem. Planta geral.

Casa de banhos, projecto.

Elogios historicos de Joaquim da Cunha Lima Junior e Manuel José Carneiro, c. 65.

Estufas em Portugal, c. 68.

Paço dos Estãos e Inquisição de Lisboa, c. 73.

Planta dos cárceres da Inquisição de Lisboa. Côrtes e alçados, em grandes folhas dobraveis.

Escolas primarias.

Tumulo do condestavel Nun'Alvares com uma bella estampa.

Photographias de alguns objectos, estatuas, etc. mais notaveis do Museu do Carmo.

Relação dos socios, c. 113.

Indice, c. 117.

Pulpito de Santa Cruz de Coimbra, com estampa, c. 135.

Monumento de D. Maria I, com est., c. 137.

Machado de bronze, c. 146.

Ruinas do Carmo, c. 148.

Vida de Francisco de Hollanda, c. 163.

INDICE

DO BOLETIM DA REAL ASS. DOS ARCH. CIV.

E ARCHEOLOGOS PORTUGUESES

1.º VOLUME

Sarcophago romano, com as musas e Apollo. Deste monumento que é de primeira ordem, uma das principaes antiguidades que temos em Portu-

gal, ha uma descripção minuciosa no Mus. Español de Antigüedades, (T. 2.º, p. 235), pag. 8.

Mosaico romano, de Leiria, p. 24.

Inscripção hebraica de Espiche, Lagos, p. 44.

Inscripções hebraicas, p. 77.

Necropole de Alcacer do Sal, p. 91.

Os vasos, armas e utensilios achados nesta necropole, que formam uma collecção notabilissima, acham-se expostos no Museu de Bellas Artes (Janellas Verdes).

Tumulo de D. Fernando, p. 121 (parte superior).

Mascara da necropole de Alcacer; mascara de barro, coberta de estuque colorido; ha duvidas muito fundadas sobre a authenticidade de tal mascara, p. 131.

Pedra formosa, p. 136; a formidavel pedra ornamentada da Citania de Briteiros, monumento de primeira ordem.

Tumulo de D. Fernando, a caixa, ou parte inferior, p. 153.

Palacio da Ajuda, p. 177.

2.º VOLUME

O calvario, o magnifico baixo relevo, que pertenceu á casa Loulé, p. 3.

Templo romano, em Evora, p. 6.

Francisco de Hollanda, p. 6.

Citania, p. 12.

Ara de Trajano, Taipas, p. 20.

Ruinas de Santa Luzia, Vianna do Minho, p. 52.

Ara de Castro Daire, p. 52.

Pequeno monumento de muita significação, pelas suas esculpturas.

Janella de Santarem, p. 71.

Dolmens da serra d'Ossa, p. 90.

Bibliotheca de Mafra, p. 102 e 118.

Sarcophago de D. fr. Gonçalo de Sousa, p. 124.

Busto, chamado de D. Affonso Henriques, p. 162.

Sepultura prehistorica da tapada da Ajuda, p. 177.

3.º VOLUME

Antiguidades egypcias, p. 18.

A collecção de decalcos de relevos egypcios que o Museu do Carmo possui, devida á generosidade de um antigo socio correspondente, é unica em Portugal.

Museu do Carmo, p. 25.

Inscripções arabes de Evora, p. 29.

Machados de bronze, p. 45.

Archivo da Universidade de Coimbra, p. 46.

Mobilia escolar, p. 49.

Esculpturas do sec. xiv, p. 75.

Egrejas de Portugal, plantas, p. 87.

Monumentos nacionaes, p. 100 - 135.

Sant'Anna do Campo, grande ruina romana, perto de Arraiolos, p. 111.

Ourivesaria portuguesa, p. 113 - 161.

Dolmens de Elvas e Evora, p. 121.

Janella do mosteiro dos Jeronymos, em Belem, p. 144.

Mosaico de Visella, p. 145.

Nabancia, antig. romanas, p. 152.

Tumulo de D. Affonso Sanches, p. 169.

Papel sellado, p. 176.

Casa dos Vinte e quatro, p. 184.

Museu do Carmo, vista da egreja, p. 187, (com o Neptuno, do Loreto).

4.º VOLUME

Exequias de D. Manuel, illuminura de um livro de Horas, p. 8.

Machados de bronze, p. 12 - 37.

Calix da Sé de Coimbra, p. 27.

Templo romano de Evora, p. 33.

A lapide de Aufidio, p. 40.

Mafra, p. 51.

Torques de Penella, p. 62 - 71.

Museu Cenaculo, em Evora, p. 73.

Bibliotheca de Coimbra, p. 77.

Carta de Izabel de Inglaterra, p. 106.

Architectura Manuelina, conferencia feita em Coimbra, pelo socio sr. Joaquim de Vasconcellos, p. 117.

Alemquer, porta de S. Francisco, p. 125.

Lapide romana de Alcobaça, p. 127.

S. Francisco de Guimarães, p. 133.

Mumia peruviana, p. 142.

Bibliographia artistica, do sr. Joaquim de Vasconcellos, p. 147.

Monumentos nacionaes, relatorio, p. 153.

Abegoarias e vaccarias, construcção, p. 161.

S. Christovão do Rio Mão, Villa do Conde, p. 163.

5.º VOLUME

Signaes de canteiros nas pedras de antigos monumentos.

Busto de D. Fernando.

S. Miguel de Guimarães, p. 63.

Rochedo de Linares, com signaes gravados, Douro, p. 78.

Barra do Douro, a lapide de D. Miguel da Silva, p. 80.

Necropole de Alcacer do Sal, p. 92.

Museu d'el-rei D. Fernando, p. 108.

Stoop, o gravador, p. 126.
 Collar dos vice-reis da India, p. 142.
 Estatua romana de Beja, p. 154.
 Paço de Sousa, p. 157.
 Pontes romanas em Portugal, 169 - 181.
 Gomil do renascimento, 173.
 Sarcophago da Sé do Porto, 188.

6.º VOLUME

Monumentos celticos, p. 2.
 Cintra, antiguidades romanas, inscrições, p. 9 - 26.
 Sé Velha, de Coimbra, p. 12.
 Conservação dos objectos antigos, p. 14.
 Ardosias lavradas, antiguidades prehistoricas, p. 46.
 Escudo ou brazão de Portugal, p. 56.
 Trabalhos da Real Associação: memoria historica; commemoração do 25.º anniversario, em 22 de novembro de 1889, p. 65.
 Archeologia christã, urnas, paramentos, p. 89.
 Numismatica arabe, p. 100.
 Antas. Art. de V. d'Almada, p. 101.
 Porta da Casa de Sub-ripas, em Coimbra, p. 152.
 Ceramica das grutas prehistoricas de Palmella, p. 167.
 Os passos de Christo, esculpturas em alabastro do seculo xiv, p. 191.

7.º VOLUME

Commissão dos monumentos nacionaes.
 Questionario geral, p. 1.
 Questionario militar, p. 2.
 Questionario parochial, p. 2.
 Regulamento da commissão dos monumentos nacionaes (1894), p. 4.
 Museu ethnographico, p. 5.
 Braceletes pre-romanos, p. 6.
 Satyro de S. Domingos de Bemfica, p. 7.
 Torre de Belem (Garcia de Rezende), p. 9.
 Cetobriga, p. 10.
 Sinos (O tanger dos), p. 17.
 Logar de Alcainça, p. 18.
 Plinio e a Lusitania, p. 21.
 Bibliotheca da Associação, relatorio do ex.º visconde da Torre da Murta, p. 23.
 Portas romanas de Beja, p. 26.
 Empreza de D. Brites, p. 26.
 Citania, vista antiga, p. 27.
 Boytaca, p. 27.
 Castello da Feira, p. 27.

Sansovino, p. 28.
 Theodoro da Motta, legado, p. 29.
 Vizeu, a Sé, p. 36.
 Bensafrim, p. 38.
 Nova Goa, o museu, p. 39.
 Leis sobre monumentos, p. 40.
 Vasco da Gama, restos mortaes, p. 41.
 Alcainça, p. 43.
 Santo Antonio, p. 48.
 Fragões de S. Pedro de Valle de Nogueiras, p. 51.
 Torre dos Coelhoiros, p. 53.
 Ruinas de Monomolapa, p. 55.
 Noticias archeologicas, pelo sr. E. R. Dias, p. 57.
 Sociedade archeologica lusitana, p. 70.
 Collar da Penha Verde (Cintra), p. 73.
 Pelourinhos, p. 76.
 Commemoração de Possidonio da Silva, p. 81.
 Cetobriga, ruinas, p. 85.
 Casas antigas, bens e moveis de Almadaz Carvalhaes: Art. de Rasteiro, p. 92.
 Inventarios antigos (sec. xiii), p. 105.
 Relatorio da Bibliotheca, p. 106.
 Legislação portugueza sobre edificios.
 Monumento de D. Maria I, p. 114.
 O clero e a archeologia, circular do Arcebispo d'Evora, p. 123.
 Igreja de Sant'Anna, p. 134.
 Visconde de Alemquer (elogio), p. 145.
 Museu eborense, p. 147.
 O bispo Gomes de Avellar; os monumentos, e as estradas, p. 148.
 Os Vieiras, pintores, p. 150.
 Carrilhões, p. 151.
 As antigualhas na pauta aduaneira, p. 152.
 D. João V e os monumentos, p. 156.
 Mosteiro de Grijó, p. 159.
 Bibliotheca Nacional de Lisboa, os pergaminhos illuminados e os livros de numismatica, p. 161.
 N'este volume encontram-se actas, correspondencia, e relatorios, que mostram a vida da Associação.

Retratos de architectos e archeologos

- 472 — João Frederico Ludovici, architecto do palacio e convento de Mafra, da capella mór da Sé de Evora, etc.
- 473 — Retrato de Manuel da Maia. Aqueducto das Aguas livres, etc.

796 474 — José da Costa e Silva. Theatro de S. Carlos, Ajuda.

475 — Eugenio dos Santos e Carvalho. Terreiro do Paço.

806 476 — Manoel Joaquim da Silva, architecto do Infantado. palacio do marquez de Vianna, ao Rato.

797 477 — Joaquim da Cunha Lima. Alguns edificios do Porto.

799 478 — Manuel José d'Oliveira Cruz. Arranjos na sé de Lisboa.

804 479 — Verissimo José da Costa. Arco Triumphal do Terreiro do Paço (Praça do Commercio), parte superior.

805? 480 — Feliciano de Sousa Corrêa. Theatro de D. Maria II.

481 — Paulo José Ferreira da Costa.

482 — Lucas José dos Santos Pereira. Restauração da Batalha.

800 483 — José da Costa Sequeira. Quartel dos marinhaes em Alcantara.

802? 484 — João Pires da Fonte, o primeiro professor de architectura da Academia Real de Lisboa.

485 — João Maria Feijó. Quartel de artilheria a Campolide.

486 — Dr. Augusto Filipe Simões, professor no lyceu de Evora, depois na faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, auctor de trabalhos de importancia sobre archeologia pre-historica, architectura romanica, etc.

487 — Conde do Lavradio.

488 — Francisco José d'Almeida.

489 — Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa: auctor da primeira obra sobre as antas ou dolmens em Portugal.

808 490 — Ignacio de Vilhena Barbosa. Varias obras importantes de archeologia nacional.

491 — José Silvestre Ribeiro. Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal.

801 Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, architecto da Casa Real, fundador da Real Associação. Trabalhos nos paços reaes da Ajuda, Necessidades, etc. Retrato por Felix da Costa, socio benemerito.

AZULEJAMENTO DAS PAREDES

Na Chronica dos Carmelitas de Pereira de Santanna (T. 1.º, p. 575. § 1280) se conta da ornamentação interna do templo:

— Por cima da elegante simalha da mesma pedraria, que por ambas as naves vae cobrindo todas as capellas, as paredes desde os remates até á abobada estão cobertas de fino azulejo e ricos paineis com molduras douradas, os quaes contêm muitos passos da vida do nosso Santo Patriarca Elias. Os mesmos adornos enchem os vãos da nave do meio, que entre os arcos medeiam sobre as columnas.

São ainda bem visiveis os signaes do azulejamento; fragmentos de alguns azulejos estão ainda nos seus logares.

A ESCADA DO CARMO

Do Rocio vinha uma escada que terminava atraz da capella mór.

A Chronica de Pereira de Santanna (p. 689 do T. 1.º) diz: — mandou o santo condestavel lavar uma capellinha da parte de fóra da igreja nas escadas chamadas do Carmo, e n'ella collocou uma santa imagem de pedra da mesma Senhora da Piedade —.

O SARCOPHAGO DE GONÇALO DE SOUSA

Está na nave esquerda este monumento sepulcral, que tem uma longa e significativa inscripção (V. Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos* p. 273).

No nosso *Boletim* figura a sua estampa no n.º 8 da 2.ª serie. O lettreiro refere-se principalmente ás virtudes do infante D. Henrique, o grande navegador. Pelo estylo, pela estatua jacente com minucias de vestuario, pelo lettreiro tão nobre e significativo, esta caixa tumular é um monumento de primeira ordem.

TAÇA DE FONTE DE SIMÃO CORREIA

É um bello exemplar de taça ou bacia de fonte, mourisca; está na nave central. Sobre este monumento consulte-se a obra do nosso illustre socio Sousa Viterbo — *Trabalhos nauticos dos portu-*

guezes nos seculos xvi e xvii, (Lisboa, Typ. da Acad. R. das Sc. 1900, pag. 144).

Na igreja do extinto convento de Sacavem, que ora serve de parochial, está uma taça, de dimensões menores que a do Carmo, mas também mourisca, muito elegante, que recorda esta no estylo artistico. E' sabido que os mouros tiveram e teem o agradável uso de animar os seus pateos e vestibulos com fontes de repuxo, onde os fios da agua cahindo nas taças, e trabbordando d'estas nos tanques, produzem um murmurio suave que se casa bem com as verduras das bananeiras, e os matizes de cravos, rosas e jasmims. E' bem possivel que algumas taças de fonte que se encontram pelo paiz sejam de origem mourisca.

A MULHER DE CHRISTOVÃO COLOMBO

Uma tradição não provada

Tem-se dito que D. Filippa Moniz de Mello foi sepultada na igreja do Carmo. Sobre este ponto é instructivo o opusculo do sr. Antonio Maria de Freitas (Nicolau Florentino), intitulado — *A mulher de Colombo*, (Lisboa, Typ. Guedes, 1892).

O sr. Freitas conclue: «a lenda dos seus amores (refere-se a Colombo) em Lisboa, o fallecimento de sua mulher n'esta cidade e a sua sepultura n'uma capella do Carmo, tudo isso fica tão deslocado na engrenagem d'épocas, pessoas, logares e factos averiguados, que não necessita de grandes esforços para cahir pela base.

Ainda diligenciamos ver se os restos mortaes de D. Filippa seriam trasladados da Madeira para aquella convento. Não ha noticia de tal, apesar dos registos de enterramentos se encontrarem ainda hoje soffrivelmente completos. Daria pois, talvez origem a essa versão o saber-se da existencia da capella de Nossa Senhora da Piedade, fundada no Carmo por Gil Ayres, casado com D. Leonor Moniz, da illustre familia da sogra de Colombo (pag. 59, nota).

Falleceu D. Filippa Moniz de Mello no Funchal, e, segundo se conclue de varios elementos, foi sepultada na Sé da mesma cidade (ibidem, texto).»

PLANTAS DOS PALACIOS REAES

Temos as plantas dos palacios da Ajuda, Villa Viçosa, Mafra, Salvaterra, Caxias, Queluz.

Será bom observar que a architectura moderna tem muito que estudar n'estas vastas construcções regias. Os palacios reaes estão bem conservados em geral, e também as suas decorações, que são fontes de estylo.

Os antigos jardins de Mafra, Caxias, Queluz, são modelos no seu genero.

O MAPPA DO RIO DE JANEIRO

O mappa architectural da cidade do Rio de Janeiro, grande planta da capital do Brazil, mostrando as frontarias das casas, foi gravado em 1874; trabalho de Rocha Fragoso.

Não admira que seja pouco vulgar em Portugal; mas parece que também o é no Brazil, porque alguns visitantes, naturaes d'aquelle paiz, e mesmo de Rio, tenho visto admirados da notavel gravura.

OLAS ORIENTAES

Em Portugal conheço apenas além d'estas uma ola na Bibl. Nac. de Lisboa. Foram usadas no Indostão meridional, em Ceylão, na Indo-China. No Museu Britannico ha muitas, algumas de riquissimo trabalho. Serviam para lavar contractos e tratados. São folhas de palmeira preparadas; os caracteres gravados com um ponteiro especial.

Estas do museu do Carmo são bellos exemplares, e bem conservados.

DECALCOS DE BAIXOS RELEVOS DO TEMPLO DE ABYDOS, NO EGYPTO

Ha antiguidades egypcias, aos centos, no Museu de Archeologia, em Madrid; aos milhares, no Louvre, em Paris; enchendo enormes salões no British Museum, em Londres; nada em Lisboa, a não ser esta linda collecção de simples decalcos do Museu do Carmo.

Esta collecção foi feita e offerecida pelo sr. A. de Soster, archeologo encarregado pelo governo hespanhol em 1879, de tirar decalcos d'estas esculpturas, consideradas das mais antigas do Egypto.

O sr. Soster tirou duas collecções, ficando uma em Madrid, e vindo esta para o nosso Museu.

A serie está agora em 44 molduras, a conveniente altura. E' muito interessante. O deus Horus, a barca divina de Osiris, Amon e Lunus, Amon-Rè e a deusa Isis, as deusas Neith e Tafné; Thob, Phthá, nos seus altares e mysterios, cercados do symbolismo extraordinario, adorados pelos reis de muitas dynastias, ahi apparecem ao espectador no estranho estylo da esculptura egypcia.

Os decalcos são bem tirados.

ANTIGUIDADES AMERICANAS

São de extrema raridade em Portugal. Temos

no Museu do Carmo muitas ceramicas, vasos para varios usos, moringues do Mexico, etc.

Duas mumias de mulher e criança, do Peru, conservando pelle e cabellos.

Feitiços e idolos dos aztéques, etc.

Na Acad. R. das Sciencias tambem ha velhas ceramicas americanas.

São antigualhas a que se deve prestar cuidado, porque são raras.

MOSAICOS ROMANOS

No Museu do Carmo temos grandes fragmentos de mosaicos romanos, de primeira ordem. E' notavel a grande frequencia de bellos mosaicos que se encontram ainda hoje em Portugal.

No Museu de Bellas Artes (Janellas Verdes) ha muitos, de extraordinaria variedade, na maior parte de proveniencia algarvia. Ha mosaicos nos museus de Faro, Beja, Evora e Coimbra. Em nossos dias teem apparecido muitos e infelizmente muito se tem estragado. Os do templo e thermas da Troia (Cetobriga) foram destruidos pelos visitantes em poucos annos. Um desastre.

Tres pavimentos de mosaico mui lindo, descobertos nas ruinas da herdade da Morgada (S. Miguel de Machede) foram arrancados barbaramente, escapando pequenos fragmentos. Ha pouco descobriram se outros em Condeixa e Leiria que se salvaram felizmente.

Se no Alemtejo apparecem frequentemente, pôde affirmar-se que no Algarve elles surgem a cada passo, principalmente no litoral.

Vê-se que este ramo de arte foi cultivado com muito gosto no tempo da dominação romana, em toda a Lusitania, o que em parte se poderá explicar pela riqueza de marmores variamente coloridos que aqui existem.

SANTA THERESA DE JESUS

Existiam no Carmo varias reliquias de Santa Thereza, e, talvez a mais preciosa, o Breviario de seu uso. — «Acha-se tambem collocado no mesmo santuario o Breviario por onde resava a nossa doutora mystica Santa Thereza de Jesus; e consta ser o proprio pela attestação do veneravel padre frei Jeronymo Gracian da Madre de Deus, visitador que foi d'esta provincia... o qual na ultima folha do mesmo breviario escreveu — Este breviario era de la Santa Madre Theresa de Jesus.

Tinha nas margens em notas e rubricas letra

da Santa». (Chronica do Carmo, por Sant'Anna, pag. 589).

OS ARCHITECTOS

Segundo affirma fr. José Pereira de Sant'anna na Chronica do Carmo (T. 1.º pag. 346 e 347) os architectos foram Affonso Anes, Gonçalo Anes e Rodrigo Anes. O chronista refere-se sobre este ponto a antigas memorias da sua ordem. Mas n'uma escriptura lavrada em agosto de 1399 figura como testemunha Gomes Martins, mestre da obra do conde (Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental dos architectos*, etc. Lisboa, 1899, pag. 30 e 31).

Como a obra durou alguns annos, é bem possivel que differentes mestres a dirigissem.

Pelo que resta do templo primitivo, que é muito, vê-se que, apesar de mestres differentes, não houve variante de estylo, ficando-nos assim n'esta gloriosa ruina um exemplar de primeira ordem da architectura ogival, do findar do sec. xiv. É uma architectura sobria, austera, religiosa. Diz bem com a memoria do condestavel, guerreiro e santo.

Na grande serie de edificios que temos em Portugal, o Carmo tem significativo logar. Em Lisboa temos para comparação na evolução artistica a charola da Sé com suas capellas, e o claustro, ogival tambem, reconstruido sobre o romanico, com aproveitamento de elementos d'este estylo.

Na Batalha o templo propriamente dito, seu contemporaneo, pondo de parte a maravilhosa ornamentação exterior.

O claustro da sé de Evora, bem conservado, é ogival do seculo xiv, elegante exemplar, onde apenas nos elementos decorativos, nos oculos ou rosas que rompem e illuminam entre as ogivas das arcadas, apparecem motivos alheios ao ogival, os engenhosos entrelaçados da arte arabe.

Pouco distante de Lisboa encontramos ainda restos consideraveis do ogival em Odivellas.

Alguns d'estes edificios podem ser rigorosamente datados.

Capella de Bartholomeu Joannes, na sé de Lisboa, 1324.

Capellas affonsinas, na mesma sé, 1334

Claustro da sé de Evora, 1374.

Carmo, de Lisboa, 1389.

A egreja do castello de Leiria é bom exemplar tambem, e Alcobaça e ainda outros templos de Portugal manifestam a grande actividade artistica que aqui houve no periodo ogival, que succedeu ao prodigioso movimento romanico, e que antecedeu a expansão manuelina.

GABRIEL PEREIRA

A CASA DO ARCO

Entre as muitas e preciosíssimas antiguidades de Villa Real de Traz-os-Montes, avultam as ruínas da nobilíssima *Casa do Arco*, antigo solar dos marqueses de Villa Real, de que vou fazer succinta descripção.

Antes, porém, de entrar no assumpto, seja-me permittido saudar a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a quem o paiz inteiro deve irrefragaveis serviços.

Não é intenção minha deter-me a enumerar chronicas e genealogias dos antigos e nobres possuidores do arruinado palacio. Para isso bastaria copiar o que a este respeito se lê no *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, ou nas *Antiguidades de Villa Real*.

O objecto que preside a este humilde trabalho é fazer com que se obste por todos os meios, mas o mais cedo possivel, á demolição da fachada principal do edificio, obra monumental pelo seu valor architectonico e archeologico, que está correndo imminente perigo de vandalica e completa destruição.

A *Casa do Arco*, para a qual a Comissão dos Monumentos Nacionais devia lançar os olhos, está supplicando a intervenção energica da illustre e dignissima Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, que tem occasião de mostrar mais uma vez, quanto vale.

A *Casa do Arco* está situada no antigo *Campo do Tabolado*, hoje denominado *Praça de Luiz de Camões*.

O lanço com ameias, a que se refere Pinho Leal, ainda existe.

Este edificio é um verdadeiro primor, e maior merecimento tem por ser trabalhado em granito, rocha um tanto rebelde á escoda e á picola.

Ha tres mezes, com o pretexto de abrir uma porta no centro do edificio, rasgou-se a parede de alto a baixo, na extensão de 3 metros. Hoje estão trabalhando alguns operarios na parte sul, contigua a esse rasgão, demolindo uma bella sala, para construir alli umas casitas para habitação de gente pobre.

Esta celebre casa pertence actualmente ao sr. Manuel Gonçalves de Souza Machado, gerente substituto do Banco de Villa Real.

Na frontaria encontram-se sete janellas, formada cada uma de dois arcos que assentam sobre elegantes e finos columnellos.

Ao centro existiu, até ha pouco, uma janella cujas partes componentes se acham apeadas no meio da rua. Esta janella devia ser a mais imponente do

edificio; os seus columnellos eram formados por torcidos proprios do estylo.

Entre as pedras desmontadas encontra-se um florão, que encimava a dita janella, e cujo desenho, simples e bem estylizado, é composto por dois ramos de carvalho entrelaçados.

Na parte interior do edificio, o que hoje se nota de mais importante é uma porta de fôrma rectangular, igualmente em torcidos, e que está situada na direcção da citada janella.

O edificio, que tem soffrido varias reconstrucções, accomoda actualmente, no 2.º andar, a Direcção das Construcções Escolares, no primeiro as officinas da mesma Direcção e serve ainda de morada a diferentes pessoas, tendo nas lojas alguns estabelecimentos.

Da parte posterior, que dá para a rua do Arco, em que restam poucos vestigios do antigo palacio, quasi nada ha a dizer. Encontra-se ainda um bom lanço de escadas, que conduz a um comprido corredor, o qual dá accesso para todo o edificio.

Os tectos são todos apainelados.

Eis em resumo o estado actual da *Casa do Arco*, que já foi *grande e nobilissima*, e que hoje só tem a frente, já incompleta e ameaçada de total assolaamento, se a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes não lhe acudir a tempo.

Vivemos da tradição e da arte, dois caracteristicos do povo portuguez.

Conservar as reliquias do passado é affirmar ás gerações futuras o valor da nossa antiga nacionalidade e o nosso amor á tradição e á arte.

Villa Real de Traz-os-Montes, 10 de Outubro de 1899.

Eduardo Antonio Raposo.

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Cont. dos n.º 7 e 8, t. VIII)

Anno de 1893.

Autorisações para se poderem realizar varios melhoramentos municipaes. *Datas dos decretos.*

Camara municipal de *Abrantes* — abastecimento de aguas, construcção de cemiterios e outras obras; 27, Setembro; — cam. mun. de *Alcacer do Sal* — obras de saneamento, reparação dos edificios dos paços municipaes, conclusão das obras de reconstrucção da cadeia civil e da tapagem do esteio denominado da Praia e reconstrucção do pavimento da praça Pedro Nunes; Agosto, 19;

— cam. mun. de *Alcobaça* — obras de saneamento no novo bairro da Roda e reparação de tres pontes sobre os rios de Areia, Fervença e Chiqueda; Novembro, 16; — cam. mun. de *Alcoutim* — alargamento do cemiterio da villa e construcção de casas para escolas primarias; Novembro, 9; — cam. mun. de *Aljezur* — construcção de um novo cemiterio e abastecimento de aguas; Novembro, 9; — cam. mun. de *Aljustrel* — obras de saneamento, reparações de cemiterios e edificios publicos, concertos de aqueductos e de caminhos vicinaes; Novembro, 3; — cam. mun. de *Arganil* — abastecimento de aguas e reparações de fontes; Novembro, 3; — cam. mun. de *Arronches* — exploração e canalisação de aguas para aquella villa e conclusão de estradas; Setembro, 27; — cam. mun. de *Avis* — obras de saneamento, conclusão dos paços municipaes e construcção de edificios escolares a seu cargo; Agosto, 19; — cam. mun. de *Cabeceiras de Basto* — obras da cadeia e da capella do cemiterio municipal; Dezembro, 27; — cam. mun. de *Campo Maior* — obras de saneamento e especialmente para alargar a canalisação de esgotos, construir sumidouros, concertar fontes e canalisar aguas potaveis; Outubro, 25; — cam. mun. da *Chamusca* — abastecimento de aguas e, com esse fim, construcção de uma estrada em direcção ao rio Tejo; Agosto, 5; — cam. mun. de *Condeixa a Nova* — reconstrucção de uma fonte; Novembro, 30; — cam. mun. de *Fronteira* — conclusão de um edificio para a escola primaria e habitação do respectivo professor; Dezembro, 14; — cam. mun. de *Gavião* — obras de saneamento d'aquella villa e reparação da fonte denominada da Levada; Novembro, 23; — cam. mun. de *Grandola* — estabelecimento de um cemiterio; Outubro, 25; — cam. mun. de *Mação* — abastecimento de aguas e reconstrucção de pontes; Novembro, 16; — cam. mun. de *Mogadouro* — construcção do cemiterio; Setembro, 14; — cam. mun. de *Moura* — construcção de um matadouro e alargamento de um cemiterio; Novembro, 30; — cam. mun. de *Mourão* — reparações do cemiterio, dos paços do concelho e de caminhos vicinaes; Setembro, 27; — cam. mun. de *Odemira* — construcção de um matadouro e outras obras, e construcção de um cemiterio na aldeia do Valle; Novembro, 16; — cam. mun. de *Ourique* — reparação da ponte de Garvão e de um chafariz na aldeia de S. Martinho das Amoreiras; Outubro, 19; — cam. mun. de *Penalva do Castello* — melhoramento de algumas fontes do concelho; Dezembro, 27; — cam. mun. da *Ponte da Barca* — conclusão da estrada municipal de Paço Vedro a Beirões; Dezembro, 14; — cam. mun. da *Ponte de Sôr* — alargamento do tribunal judicial da comarca e construcção de uma cadeia para presos do sexo feminino; Setembro, 27; — cam. mun. de *Portalegre* — construcção de duas estradas municipaes; Dezembro, 27; — cam. mun. de *Rio Maior* — conclusão dos paços do concelho, canalisação de aguas, reparação de calça-

das e abastecimento de aguas na freguezia das Fraguas; Setembro, 27; — cam. mun. de *Sabrosa* — construcção de cemiterios, reparação de caminhos vicinaes, abastecimento de aguas e saneamento das povoações do mesmo concelho; Novembro, 30; — cam. mun. de *S. Thiago de Cacem* — obras nos paços do concelho, tribunaes e outras repartições publicas do municipio; Setembro, 14; — cam. mun. do *Sardoal* — obras de canalisação de aguas e construcção de marcos fontenarios; Novembro, 3; — cam. mun. de *Tabua* — abastecimento de aguas; Setembro, 14; — cam. mun. de *Villa Franca de Xira* — conclusão e mobilia do novo edificio dos paços municipaes; Novembro, 11; — cam. mun. de *Villa Franca de Xira* — conclusão dos novos paços do concelho e outros serviços municipaes; Junho, 15; — cam. mun. de *Villa Viçosa* — conclusão do cemiterio do concelho; Dezembro, 27.

Regulamento para o trabalho dos menores e das mulheres nos estabelecimentos industriaes de qualquer especie ou sob qualquer direcção: Dec., Março, 16.

Bolsas de trabalho. Estabelecidas as normas para a sua organização e aprovado o respectivo regulamento: Decretos, Março, 9 e Maio, 25.

Brazão de armas. Está sujeito á contribuição sumptuaria aquelle que é titular e tem brazão de armas na sua casa, embora coberto com um pano de lona: Dec., Março, 9. — O facto de estar o brazão de armas coberto de folhas ou ramagem de trepadeiras não prova que elle não exista e d'elle se não faça uso para o effeito da contribuição sumptuaria: Dec., Julho, 20. — A presumpção legal de que todos os titulares usam brazão de armas cessa perante a prova resultante de certidão passada pelo cartorio do escrivão da nobreza do reino, em que se declare que o titular não tem brazão de armas adquirido por titulo algum: Dec., Novembro, 9.

Centenario henriquino. Auctorisação ao governo para emittir formulas de franquia de diversas taxas, destinadas a circular e ser vendidas nos dias 4 e 5 de Março de 1894, 5.º centenario do infante D. Henrique: Lei, Julho, 27.

Edificios de conventos extinctos e outros—Obras publicas. Concedido com certas clausulas á associação auxiliar da missão ultramarina o edificio do extincto *convento de Santa Thereza* em Carnide com a egreja e mais pertenças, ficando revogado o decreto de 21 de abril de 1892: Dec., 31 de Janeiro e 4 de Maio; — concedida á cam. mun. de Braga parte da cerca do supprimido *convento do Salvador* d'aquella cidade, para regularisação de uma praça: Dec., 6 de Março; — concedido com certas clausulas á associação de beneficencia do districto de Braga o edificio do supprimido *convento do Salvador*, resto da cerca, casa do capellão e outras pertenças, para instituições de caridade: Dec., 6 de Março; — auctorisada a administração do collegio dos orphãos de S. Caetano,

da cidade de Braga, a applicar uma certa quantia do producto de um legado, á construcção do edificio da residencia dos orphãos: Dec., 28 de Março; — auctorizada a real irmandade do Senhor Jesus da Cruz da villa de Barcellos a levantar por emprestimo dos seus capitaes uma certa quantia para compra do predio destinado á installação do seu hospital: Port., 2 de Maio; — concedidos á cam. mun. de Vianna do Castello os terrenos da cerca do supprimido *convento de S. Bento* d'aquella cidade, para lavadouros publicos e prolongar a rua de S. Bento: Dec., 31 de Maio; — concedida á ordem terceira de S. Domingos da cidade de Vianna do Castello parte do edificio do supprimido *convento de S. Bento*, para serviço e isolamento da igreja: Dec., de 31 de Maio; — annexados os serviços de estudos, construcção e reparação dos edificios publicos á direcção especial dos estudos e construcção de pharoes, a qual passou a denominar-se «Direcção especial de edificios publicos e pharoes.» Dec., 18, Junho. — Concedida á cam. mun. de Caminha a agua pertencente ao supprimido *convento de Santa Clara*, com certa reserva: Dec. 4, Julho. — Concedido á Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos o edificio e pertencças do extincto *convento dos Cardeas de Jesus* para *asylo de cegas*: Lei, 21, Julho. — Concedida provisoriamente á Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da cidade de Guimarães o edificio e dependencias do supprimido *convento de Santa Clara* para estabelecimento do seminario: Dec., 19, Agosto. — Auctorizada a misericórdia da villa de S. Vicente da Beira a adquirir por compra duas parcelas de terreno para construcção de um hospital: Port., 4 de Dezembro. — Os cemiterios das freguezias ruraes podem ser construidos a distancia menor de 143 metros dos limites da povoação, quando se mostre pelas vistorias e declarações dos peritos que o local escolhido está em boas condições hygienicas e economicas: Dec., 9 de Março. — Abertos no ministerio da fazenda a favor do das obras publicas, commercio e industria, creditos especiaes para occorrer a despesas com obras em *edificios publicos*, no exercicio de 1892-1893: Dec., 5 de Agosto e 14 de Setembro. — Auctorisado o governo a modificar com o empreiteiro das *obras do porto de Lisboa*, mediante certas clausulas, o contrato de 20 de abril de 1887: Lei, 27 de Julho. — Nomeada uma commissão para estudar as alterações e modificações technicas a introduzir na empreitada da construcção das *obras do porto de Lisboa*: Portaria, 5, Agosto. — Determinado que a actual direcção da construcção do porto de Lisboa passe a desempenhar todos os serviços da antiga direcção do dito porto: Portaria, 20, Dezembro. — Dissolvida a *commissão de defeza de Lisboa e su porto* e creada uma *inspecção das fortificações de Lisboa*: Dec., 27, Março. — Nomeada uma commissão para proceder á elaboraçáo do projecto de melhoramentos de que carece a cidade de

Ponta Delgada: Portaria, 29, Março. — Nomeada uma commissão para proceder á elaboraçáo do projecto de melhoramentos de que carece a cidade de Angra do Heroismo: Portaria, 20 de Julho.

Expropriações declaradas urgentes. — Expropriação de um terreno para alargamento de duas camaratas do *Asylo de Mendicidade de Lisboa*: Dec., 11 de fevereiro; — de duas moradas de casas e respectivos pateos e quintaes para realisação das obras do novo *Hospital Real das Caldas da Rainha*: Dec., 9 de Março; — de tres parcelas de terreno do passal do parocho da freguezia de Villa Mou, concelho de Vianna do Castello, para alargamento do adro da egreja matriz: Dec., 6 de Abril; — de uma parcella de terreno e casas, para construcção do posto fiscal de Carriche: Dec., 5 de Agosto; — de um terreno e de uma casa, para construcção do posto fiscal da Encarnação, freguezia de Sacavem: Dec., 27 de Julho; — de um terreno para construcção do cemiterio da freguezia de S. Martinho de Bougado, concelho de Santo Thyrso: Dec., 5 de Setembro; — de diversas porções de terreno para construcção das carreiras de tiro destinadas ás guarnições das praças de Elvas e Chaves: Dec., 23 e 29 de Abril; — de uma casa de habitação para completa vedação do estabelecimento sanitario e de desinfecção de Villar Formoso: Dec. 19 de Outubro; — de uma porção de terreno para construcção do mercado de Castanheira de Pera, concelho de Pedrogão Grande: Dec., 25 de Outubro; — auctorizada a cam. mun. da Covilhã a expropriar um curral e um casebre do passal do parocho da freguezia de Paul, a fim de alargar e sanear a praça d'esta povoação: Dec., 27 de Setembro; — e outras expropriações relativas á viação publica.

Funcionarios. Reducção de despesas — Determinando que os serviços geraes da secretaria d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, ficam para o futuro independentes da repartição do commercio: Lei, 30 de Junho; — Extincto o quadro de apontadores, ficando o numero d'esses empregados limitado a cinco por secção de construcção: Lei, 30 de Junho; — Fixadas as attribuições do director geral do commercio e industria com relação ao serviço dos *museus industriaes e commerciaes*: Port., 18 de Janeiro; Concedido aos empregados do corpo de engenheiros de obras publicas e minas, e aos architectos, conductores e desenhadores dos quadros auxiliares, o beneficio de viajarem, fóra do serviço, nos caminhos de ferro do estado e nos das companhias que n'isso accordarem, pagando sómente 50 por cento do preço das tarifas em vigor: Dec., 1 de Fevereiro; — Estabelecidas varias providencias sobre os vencimentos dos empregados addidos ás diversas repartições do estado: Lei, 30 de Junho; — reduzidos os quadros de diferentes repartições publicas: Lei, 30 de Junho.

Medalha de serviços no Ultramar. Regulamento para a sua concessão: Dec., 18 de Janeiro.

Instrucção publica. A's conferencias de caracter scientifico, litterario ou artistico que se realizem em quaesquer associações, cujos estatutos estejam legalmente approvados, e ás reuniões que os socios das mesmas associações celebrem em harmonia com os respectivos estatutos, não são applicaveis as disposições da lei que regula o exercicio do direito de reunião: Lei, 26 de Julho; — *Museu ethnographico portuguez.* Para servir em parte como que de desenvolvimento do *Museu de Anthropologia*, installado na comissão dos trabalhos geologicos. Organizado por decreto de 20 de Dezembro; — Instituto de ensino *Rainha D. Amelia.* Confirmada a criação d'este instituto na cidade de Lourenço Marques: Dec., 19 de Outubro; — *Pólvora, explosivos modernos e suas applicações,* por Luiz Carlos Mardel Ferreira. Auctorizado o governo a fazer aquisição de 500 exemplares d'esta obra: Lei, 27 de Julho; — *Escola elemental de commercio.* — Para a sua fundação foi concedido auxilio á Associação Commercial de Lisboa: Port., 28 de Outubro; — também foram concedidos auxilios: á cam. mun. de Aveiro, para fundação de uma *escola industrial* no *Asylo escola districtal*: Port., 28 de Outubro; — á *Sociedade vinicola e oleicola do sul* para fundação de uma *officina escola de olaria*: Port., 28 de Outubro; — á cam. mun. da Figueira da Foz para fundar uma *escola industrial e commercial*: Port., 28 de Outubro; — á *Sociedade philomatica da Marinha Grande* para a fundação de uma *escola industrial*: Port., 29 de Novembro; — e á cam. mun. de Evora para a fundação de uma *escola industrial*: Port., 19 de Dezembro; — auctorizada a *Sociedade das casas de asylo de infancia disvalida de Lisboa* a adquirir um terreno para estabelecimento de um asylo na freguezia de S. Jorge de Arroyos: Port., 23 de Novembro; — *Escola industrial Affonso Domingues.* Regulada a concessão e distribuição do donativo feito pela Rainha a Senhora D. Amelia para premios aos alumnos d'esta escola: — Port., 29 de Novembro; — *escola industrial Rainha D. Leonor.* Determinando que junto a este estabelecimento, nas Caldas da Rainha, se creasse uma *officina de canasteiros*: Port., 19 de Dezembro; — declarada em vigor nas provincias ultramarinas a isenção da contribuição de registo pelas aquisições de *terrenos ou casas para edificios escolares*: Port., 28 de Dezembro.

Bibliotheca nacional agricola. Creada com este titulo uma bibliotheca destinada á população rural: Dec., 30 de Junho.

Boletim official da direcção superior dos serviços aduaneiros e contribuições indirectas. — Determinada a sua publicação: Dec., 3 de Janeiro.

Ordem Civil do merito agricola e industrial. — Para galardoar os serviços prestados á agricultura ou á industria nacional. Creada por decreto de 4 de Junho.

Medalha da Cruz Vermelha. — Creada uma medalha de bronze especialmente destinada a comemorar os serviços prestados aos militares feridos e doentes nas ambulancias da *Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*: Dec., 31 de Janeiro.

Alumnos pensionistas do Estado. — Determinado que das verbas destinadas aos que vão aperfeiçoar-se no estrangeiro, em bellas artes, o governo applicasse na primeira vaga, a quantia de réis 720\$000 para subsidiar um alumno do *Conservatorio Real de Lisboa*. — Lei, 30 de Junho.

Seminario lyceu de S. José de Macau. Extincta a *escola de pilotagem* annexa a este estabelecimento. Os exames feitos n'este lyceu são para todos os effectos equiparados aos dos lyceus do reino: Lei, 27 de Julho.

Escolas de instrucção primaria. — Providencias para regularisação do serviço de matricula e frequencia: Port., 26 de Setembro e 30 de Outubro.

Regulamento dos exames de admissão aos lyceus: — Dec., 16 de março.

No provimento das escolas primarias devem as camaras municipaes attender em primeiro lugar á igualdade de circumstancias dos candidatos, e só depois á categoria dos diplomas apresentados por elles, preferindo aquelle que é manifestamente superior em merito moral ao que tenha maior habilitação scientifica: Dec., 5 de Setembro.

Estabelecida a propina de 2\$500 réis para os exames de admissão aos lyceus: Lei, 30 de junho.

Escolas industriaes. — Organização dos cursos respectivos; programmas de ensino: Dec., 5 de Outubro.

Providencias transitorias para a admissão ao curso complementar ou industrial e aos respectivos trabalhos manuaes: Port., 10 de Outubro.

Escolas normaes. — Passaram para o governo as attribuições das extinctas *commissões inspectoras* d'estas escolas: Port., 19 de Abril.

Cartographia. — Regulamento da respectiva comissão: Dec., 19 de Janeiro.

Instituto de agronomia e veterinaria. *Escolas agricolas.* — Regulamento do ensino. Dec., 6 de Outubro.

Escola das praças de pret do exercito. — Regulamento e programmas dos differentes cursos. Port. de 23 de Novembro e Dec. de 25 de Outubro.

Escolas praticas de infantaria e cavallaria. — Regulamentos: Dec., 25 de Outubro.

Escola do exercito. — Supprimido o lugar de lente adjunto, engenheiro de minas: Lei, 30 de Junho.

Exames nos lyceus. — Determinando que a este respeito se cumpra o disposto nos artigos 43.º e 47.º do Decreto de 12 de agosto de 1886: Port., 22 de Junho.

Instituto Bacteriologico de Lisboa. — Regulamento: Dec., 19 de Janeiro.

Instituto de Ophtalmologia de Lisboa. — Reorganisação: Lei, 27 de Julho.

Real Casa Pia de Lisboa. — Regulamento dos serviços de expediente: Dec., 1 de Fevereiro.

Recolhimento do Santissimo Sacramento e Assumpção, do Calvario. — Regulamento. Port., 13 de Abril.

Associação auxiliar da missão ultramarina. — Revogado o decreto de 7 de novembro de 1892, pelo qual lhe fora cedido o edificio do supprimido convento de Santa Maria, em Arouca, para estabelecimento de um *instituto de catechistas, mestras e enfermeiros*, e concedido provisoriamente à mesma associação o edificio e cerca do extinto convento de S. Salvador de Vairão, para ser applicado ao dito instituto: Dec., 7 de Dezembro.

Colonias agricolas. — Preceitos para o seu estabelecimento na *extincta escola agricola de Portalegre* e nos terrenos incultos do estado: Dec., 20 de Dezembro.

Regimen monetario. — Comissão para proceder a um inquerito official sobre as condições do nosso regimen monetario e sobre as alterações a introduzir no mesmo regimen: Dec., 13 de Março.

Sellos postaes. — Com a designação de Zambezia foram creados e postos em circulação pela Port. de 8 de Maio.

Contra tos de remissão de fóros, etc. — As disposições do art. 6.º do Dec. de 29 de julho de 1870 são applicaveis, qualquer que seja o immediato successor da Corôa, aos contratos de remissão ou venda de fóros, censos, quinhões ou pensões pertencentes à *Serenissima Casa de Bragança*: Dec. 31 de Janeiro.

Matrizes prediaes. — Creada em cada districto e em cada uma das cidades de Lisboa e Porto uma comissão de character provisorio a fim de proceder à inspecção directa e à avaliação dos predios rústicos e urbanos: Dec., 18 de Março.

Direito de reunião. — Estabelecido e regulado o seu exercicio em logares publicos ou recinto fechado: Lei, 26 de Julho.

Amnistia. — Concedida para os crimes politicos perpetrados por individuos da classe civil ou militar, exceptuados os officiaes que dirigiram ou tomaram parte na revolta do Porto em 31 de Janeiro de 1891: Dec., 25 de Fevereiro.

Parquet de madeira. — Tributo de 200 réis por kilogramma: Dec., 21 de Dezembro.

Cooperativa militar. — Sua constituição: Dec., 18 de Outubro.

Villa de D. Maria II. — A pedido da camara municipal do concelho de Santa Catharina da ilha de S. Thiago de Cabo Verde, foi elevada a categoria de villa com a denominação de «Villa de D. Maria II» a povoação de Mangue do Tarrafal: Dec., 19 de Janeiro.

Arsenal de marinha. — Regulamento dos serviços fabris e maritimos e instrucções provisórias para sua execução: Dec. de 12 de Janeiro e de 30 de Dezembro.

Caixa de soccorros para os operarios: Lei, 27 de Julho.

Cordoaria nacional. — Caixa de soccorros: Lei, 27 de Julho.

Fabrica de vidros da Marinha Grande. — Comissão para promover minuciosa vistoria n'esta fabrica e suas pertencas a fim de se conhecer e apreciar o seu estado antes de se effectuar novo arrendamento em hasta publica: Port., 12 de Setembro.

Concessões no ultramar. — A Bensaude & C.^a: 5:000 hectares de terrenos baldios pertencentes ao estado entre Caconda e Bihé para estabelecimento de uma fazenda agricola: Dec., 31, Janeiro.

A Alfredo Mendes da Silva ou á companhia que elle formasse: aforamento de certos terrenos baldios situados na ilha do Principe: Dec., 24, Agosto.

A' companhia de Moçambique: mais um determinado territorio na parte da região ao sul do rio Save: Dec., 22, Dezembro.

A Troni & Carreira: 2:000 hectares de terrenos baldios situados nas margens do rio Lucalla, concelhos de Cazengo e Cambambe, da provincia de Angola: Dec. 30, Novembro.

A Alberto Carlos de Paiva Raposo: uma certa área de terreno na provincia de Moçambique para exploração mineira e agricola: Dec., 23, Dezembro.

A João de Rezende: uma certa área de terrenos na provincia de Moçambique para exploração mineira e agricola: Dec., 23, Dezembro.

Companhia do Nyassa. — Denominação da empresa a constituir para exploração das concessões feitas a Bernardo Daupias & C.^a pelos decretos de 26 de Setembro e 13 de Novembro de 1891: Dec., 9, Março.

Associações protectoras de condemnados. — Auctorisado o governo a promover a sua organização: Lei, Julho, 6.

Mildew. — Instrucções para combater a doença das vinhas assim denominada: Circular de 17 de Maio.

Burgo. — Foi recommendado aos agronomos dos districtos de Evora e Beja o estudo d'este insecto causador de consideraveis prejuizos nos montados de sobre e de azinho no baixo Alemtejo: Offic. de 17 de Maio.

Sericicultura. — Providencias para a promover e desenvolver no districto da Guarda: Portaria, Outubro, 6.

(Continúa)

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias»

(Continuação dos n.º 7 e 8)

Eulalia (Santa) — freg., conc. de Arouca. — Na serra do Casal Mão e em diversos sitios da freg. ha muitas antas, duas das quaes são monstrosas.

Evora — cidade. — Torre da *Atalaya* no outeiro de

S. Bento, e outras fortificações. — Templo de Diana. — Pavilhões do aqueducto de Sertorio: inscrição commemorativa da primeira fundação do aqueducto. — Sé cathedral, cuja architectura é no estylo mosarabe; tem ameias e tres formosas portas de entrada, estando na principal as estatuas dos doze apóstolos. — Museu Cenaculo. — Convento de frades cartuxos fund. pelo arcebispo de Evora, D. Theotónio de Bragança, de 1387 a 1598. — Estudos eborenses pelo sr. Gabriel Pereira: 1, O mosteiro de N. S.^a do Espinheiro; 2, Evora romana. O templo. As inscripções; 3, A casa pia; 4, Loios, azulejos e obras d'arte; 5, Bibliotheca publica. Noticias das collecções; 6, Conventos do Paraíso, Santa Clara e S. Bento; 7, Bellas artes. Racinski. Pintores eborenses; 8 e 9, Vesperas da restauração; 10, O brazão d'Evora; 11, A egreja de Santo Antão. Livros pirochiales. Collegiada; 12, O archivo municipal; 13, A restauração em Evora; 14, 15 e 16, O archivo da Santa Casa da Misericórdia d'Evora; 17, Evora e o ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. 1.^a parte; 18, 19, 10 e 21, Assedios d'Evora em 1663; 22, Os festejos d'Evora em 1729; 23, Evora nos «Lusiadas»; 24, Procissões eborenses; 25, Exposições d'arte ornamental; 26, Antiguidades romanas em Evora e seus arredores; 27, Roteiro de um eborense, em rapido, por Madrid, Paris e Londres; 28, Universidade de Evora; 29, As caçadas 1.^a parte; 30, Evora e o ultramar 2.^a parte; 31, Ibn-Abdun; 32, Os Mouras. A geographia de Edrisi. Descrição do Alemtejo. Yeborah (Evora). Os mouras em Beja; 33, As caçadas, 2.^a parte; 34, Os estudantes; 35, Versos eborenses do seculo XVIII; 36, A volta de Cenaculo; — As cidades e as villas por Vilhena Barbosa; Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos, idem; Documentos historicos da cidade de Evora pelo sr. Gabriel Pereira (Evora, 1885); Dolmens ou antas dos arredores d'Evora. Notas dirigidas ao sr. Augusto Filipe Simões (Evora, 1875); Relat. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.; Archivo historico, vol. II; Historia das antiguidades de Evora por Amador Patricio (pseudon. de Martim Cardoso Azevedo) — Evora 1739, parte I; Historia da antiguidade de Evora, por André de Resende (1576); Corpus-Inscrip. Hisp. Latin, vol. I, 13, 17, xxxviii; supp., 805, 807, 1029; Roteiro da cidade de Evora e breve noticia dos seus principaes monumentos, pelo sr. Antonio Francisco Barata (Evora, 1871); Memoria historica sobre a fundação da Sé de Evora e suas antiguidades, pelo sr. A. F. Barata. (Coimbra, 1876); Varias antiguidades de Portugal por Gaspar Estação; Relatorio da Commissão dos monum. nac. em 1884; Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal pelo sr. J. da Silva; Observações de J. H. C. Rivara no vol. «Noção de alguns filhos da Índia Portuguesa» (Nova Goa, 1874, pag. 160); Artigos do sr. Gabriel Pereira na Renascença, vol. de 1879, pag. 107, no jornal O Manuelinho d'Evora, etc.; Aqueducto de Sertorio (Archivo Pittoresco, VII, VIII, X, XI; Chronica de Garcia de Resende, cap. 202; Museu Cenaculo (Artes e Lettras, II); Mem. sobre a pop. e a agricult. em Portugal por L. A. Rebello da Silva; Introducção á archeologia da peninsula iberica por Augusto Filipe

Simões: De antiquitatibus Lusitaniae por André de Resende (Evora, 1593, fl. 124); De antiquitatibus Eboræ por André de Resende (Coimbra, 1790); O Templo romano, os azulejos, artigos do sr. Gabriel Pereira no Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug., t. IV, n.º 3, e t. V, n.º 3; Voyage en Portugal de J. Murphy (t. II, publ. em 1797, pag. 283); Panorama, 1844, pag. 407; Erinnerungen aus Sudeuropa por Christiano Bellermann (Berlim, 1858, pag. 201); Relatorio acerca da renovação do Museu Cenaculo por A. F. Simões (Evora, 1869); Miscellanea historico-romantica pelo sr. A. F. Barata (Barcellos, 1878, pag. 185); Noticias archeol. de Portugal pelo sr. dr. Hübner; Catacumbas — Miscellanea archeologica, bibliographica, numismatica, poetica, epigraphica, etc. etc. reunida pelo sr. Antonio Francisco Barata (Evora, 1883); Universo illustrado, IV, 363 (1880); Revista archeologica, III, n.º 4, IV, n.º 8; O Museu Cenaculo em Evora pelo sr. A. F. Barata (Artes e Lettras, 1873, pag. 129); Dolmens recentemente descobertos em Portugal, artigo do sr. J. da Silva no Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug., t. VIII, n.º 8, pag. 125; O templo romano em Evora por Augusto Filipe Simões (Artes e Lettras, 1873, pag. 155 e 166); Memoria historica do hospital asylo de velhos pobres de Santo Antonio do Conde, na cidade de Evora, escripta por um antiquario eborense (Lisboa, 1874); Miscellanea historico romantica pelo sr. Antonio F. Barata (Barcellos, 1878); Artes e Lettras, 1873, pag. 155, art. de A. Filipe Simões; Revista archeologica, I, 1877, pag. 129, art. do sr. Gabriel Pereira; Catalogo do Museu Cenaculo por A. F. Simões; Artigo de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara na Revista Litteraria do Porto, n.º 3, 1879, pag. 340, 353; Panorama, 1883, pag. 201, 1884, pag. 5; Os monumentos da antiguidade em Portugal por I. de Vilhena Barbosa, pag. 312 — 314 dos Estudos historicos e archeologicos, t. II, 1875; Opusculos de A. Herculan, t. III, 66; Portugal pittoresco, IV, 167; Casa dos conegos seculares de S. João Ecangelista, Sé d'Evora, Ermida de S. Braz (Monumentos de Portugal historicos, artisticos, e archeologicos, pag. 319, 335, 391); Bracteletes preromanos, art. do sr. Gabriel Pereira no Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug., t. VII, n.º 1, pag. 6; A casa dos ossos, Casas da moeda. Ruinas fingidas no passeio publico d'Evora. Ermida de S. Braz, Templo de Diana (Occidente, vol. I, pag. 146, II, 129, 166, V, 84, VII, 156, XIII, 187, XIV, 105); Artigos com outros titulos (Occidente, XV, 169, 204, 276, XVI, 19, 43, 238, XVII, 211, 262); Escriptos diversos de A. Filipe Simões, pag. 99, 118, 200; Evora e seus monumentos (Revista illustrado, 1892, pag. 107); Arte portugueza, n.º 6 (1893); Portugal e os Estrangeiros, t. II, pag. 107; Archeologia eborense pelo sr. C. da Camara Manuel (Archeologo Português, n.º 10, pag. 281); Universo Pittoresco: t. III, pag. 116 (Templo de Diana), 209 (Collegio do Espirito Santo), 289, (Sé), 306 (Muralhas e portas da cidade), 353 (Quartel dos Castellos); Cousas leves e pesadas por Camillo Castello Branco, pag. 86; Cabrinhas ou bodes de bronze; Anta do Pinheiro do Campo, art. do sr. Gabriel Pereira (Archeologo Português, vol. I, n.º 11); Antigos paços do concelho (Occidente, XVIII, 26, 99); O culto da arte em Portugal pelo sr. R.

Ortigão, pag. 66, 77, 170; *A monja de Cister* pelo sr. A. F. Barata (1896); *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filipe de Figueiredo, pag. 160; *A vida alegre* por Julio Cesar Machado, pag. 170; *Descrição da igreja cathedral d'Evora* remetida ao auctor do *Universo Pittoresco* em julho de 1844 e feita pelo conego da mesma cathedral D. João d'Annunciada — Lisboa, 1844; *Evora gloriosa* — epilogo dos 4 tomos da *Evora illustrada*, que compoz o R. P. M. Manuel Fialho da Companhia de Jesu. Escrita, acrescentada, e amplificada pello P. Francisco da Fonseca da mesma companhia. Roma, 1728; *Occid.* xxi, pag. 97; *Arch. Pitt.* v, 97, 161, 169, 236; vi, 286; vii, 41, 185; viii, 313; x; xi, 1, 9, 41, 83, 93, 129, 281, 335, 383; *Collecção das antiguidades de Evora*, escripta por André de Rezende, Diogo Mendes de Vasconcellos, Gaspar Estação, Fr. Bernardo de Brito e Manuel Severim de Faria; *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado d'Evora* por Antonio Rosado Bravo (ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, A-4-12); Porta da Moura (*Branco e Negro*, t. ii, n.º 36) *Archeologo Português*, n.º 6 e 7, vol. ii; n.º 7 e 8, iii; *Museu archeologico da Bibliotheca de Evora* (*Archeologo Portuguez*, vol. ii, n.º 12, pag. 282); Cofre de ferro exis ente na secção archeologica da Bibliotheca Publica de Evora, art. do sr. C. da Camara Manuel no *Archeologo Portug.* vol. ii, n.º 3, pag. 95; As ruínas do antigo convento de S. Francisco pelo sr. C. da Camara Manuel (*Archeol. portug.*, vol. ii, n.º 12, pag. 302); *A archeologia em Evora — Cursos escolares — Monumentos nacionaes*, pelo sr. C. da Camara Manuel (*Archeol. Portug.* vol. iii, n.º 1 e 2); Monumentos (*Branco e Negro*, t. ii, pag. 221); Templo de S. Francisco (*Occidente*, n.º 631, vol. xix); *Historia de S. Domingos*, 1.ª parte vol. ii, 3.ª parte, vol. iv, 4.ª parte, vol. v; *Portugal artistico e monumental*; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 1.º e 2.º vol.; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczyński; *Artes e Lettras*, ii, 129; Museu do bispo de Beja (*Arch. Pittor.* ii, 76, 404); *Religios da Lusitania*, pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. i, pag. 20; *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. i, pag. 89; Templo de Diana (*Occidente*, 1890, pag. 189); (*Occidente*, de 1892, pag. 169, 204, 205, 276, de 1893, pag. 19, 24, 43, 238); Janella da casa de Garcia de Resende pelo sr. Gabriel Pereira (*Occidente*, 1893, pag. 238); Universidade (*Occidente*, 1894, pag. 212); Praça de Geraldo; Paços do concelho (*Occidente*, 1895, pag. 28 e 100); Ermida de Garcia de Rezende no Espinheiro (*Occidente*, 1894, pag. 264); *Le Portugal à vol d'oiseau* pela princeza Rattazzi; *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Arch.-ol. Portug.*, vii, pag. 53; *As misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Hist. de Portugal* de Pinheiro Chagas, 3.ª ed; vol. i, pag. 61, 473, 505, 525 529, 541; vol. ii, pag. 213, 441, 445, 517, 528.

Evora Monte — villa, conc. de Estremoz. — Castello do reinado de D. Diniz. — *Occidente*, xii, 162; *Cousas leves e pesadas*, pag. 87; Castello (*Occid.*, 1889, 161; *Hist. de Portugal* de Pinheiro Chagas, 3.ª edição, vol. ii, pag. 393).

Facha ou Santo Estevão da Facha — freg., conc. de Ponte de Lima. — No alto da *Nó* vestigios de uma cidade e de um castello — *O Minho Pittoresco*, t. i, 281.

Fafe — villa, a 10 k. de Guimarães. — Em excavações feitas no anno de 1870, proximo á villa, appareceram diferentes moedas, cujo metal e procedencia se ignora, «por estarem muito corroidas da ferrugem.» — *O Minho Pittoresco*, t. i, 565.

Fajões — freg., conc. de Oliveira de Azemeis — N'esta povoação havia algumas antas que foram destruidas.

Fão — villa, conc. de Espozende — Aqui principiava uma das cinco vias romanas para Braga. — *O Minho Pittoresco*, t. ii, 200.

Faria — freg., conc. de Barcellos — Restos do castello, cujo fundador se ignora.

Faro — cidade — No baluarte *Mesa dos Mouros*, junto ao castello de Faro, descobriu-se em 1784 uma lapida com inscripção romana. — Sé antiquissima, de tres naves quadradas, sobre columnas jonicas. — Castello e muralhas torreadas do tempo de D. Afonso III. — Lapida com inscripção romana, na casa da camara. — *Antiguidades do Algarve* por Estacio da Veiga; *Carta archeologica do Algarve...* elaborada em 1878... ampliada em 1882 por Estacio da Veiga; (Lisboa, 1883); *Revista archeologica*, iii, 119, 126; *Corpus-Inscr. Hisp. Latin* pelo sr. dr. Hubner, vol. ii, 3, 4, 691, supp. 781-785, 1028; *Memorias ecclesiasticas do reino do Algarve* por Fr. Vicente Salgado; *Panorama*, 1842, pag. 393; *Archivo historico*, vol. ii; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Not. archeol. de Portugal* pelo sr. dr. Hübner; *Cabeça de mulher encontrada nas Thermas de Ossónoba*, art. do sr. Brito Rebelo no *Occidente*, vol. iv, pag. 190; *Mosaicos, Igreja do Carmo em Faro* (*Occidente*, vol. v, pag. 238, viii, 69, 262); *Portugal pittoresco*, iv, 236; *O Archeologo português*, 1895, n.º 8; *Mémoire sur le royaume de l'Algarve contenant la description des montagnes, des sources, des cours d'eau, des villes, etc., du climat, de la végétation, des animaux, de l'industrie, du commerce, etc., ainsi qu'une esquisse historique de cette contrée*, par Charles Bonnet (Nas *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*, 2.ª série, t. ii, parte 2.ª, pag. 1 a 176); *O Archeologo Português*, vol. ii, n.º 1; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filipe de Figueiredo, pag. 172; *O Seculo*, n.º 5752, 5896, 16 de janeiro e 12 de junho, 1898); *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt 2.º vol.; *Archivo pittoresco*, xi; Necropole prehistorica da Campina nas visinhanças de Faro (*Memorias sobre a antiguidade* pelo dr. A. dos Santos Rocha); *Archeol. Portug.*, vol. ii, n.º 2, 6 e 7; Museu Lapidar (*Archeol. portug.*, vol. ii, n.º 12, pag. 296); Museu archeologico (*Archeol. Port.*, iii, pag. 144); *Occidente*, viii, pag. 72, xi, 283, xx, 228; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Mala da Europa*, v, n.º 162; *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebelo da Silva.

Fataunços e Folgosa — freg., conc. de Vousel-la. — *Torre dos Mouros*.

Favaio — villa, conc. de Alijó. — Teem aqui apparecido cippos, inscripções e outras antiguidades romanas. — Antiquissima capella na quinta de S. Jorge, capella que foi outr'ora matriz de Favaio e dos povos circumvisinhos. «Ainda conserva a pia baptismal e um tumulo com uma inscripção dos principios da nossa monarchia». — *Revista archeologica*, iii, 179.

Feira — villa e concelho. — Castello gothico; torre

de menagem. — *O districto d'Aceiro* pelo sr. Marques Gomes; *Relat. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *O castello da Feira*, art. de Manuel Maria Rodrigues na *Revista archeologica*, iv, n.º 3; *Villa da Feira (Occidente*, xii, pag. 4 e 14, art. de Manuel Maria Rodrigues); *Portugal pittoresco*, iv, 257; *Opusculos de A. Herculano*, t. ii (Mon. patrios); *Castello da Feira (Bolet. da R. Ass. dos Arch. e Archeol. Port.*, t. vii, n.º 2); *Branco e Negro*, 1896, n.º 8; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 59; *O castello (Seculo*, n.º 5392 (18-1.º-97); *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. i, pag. 437.

Felgueiras — freg. de Chamoim, conc. de Terras do Bouro. — No sitio chamado a *Herrosa* existiram duas columnas, uma com inscripção incompleta e outra sem nenhuma inscripção. No adro da igreja matriz ha um cruzeiro que primitivamente foi marco milliaro. — *Memorias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck; *Archeologo Português*, 1895, n.º 4, pag. 103; *O Minho Pittoresco*, t. ii, 377; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. i.; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

Fernão — villa, conc. de Arouca. — Igreja matriz antiquissima. Na parede exterior da capella mór ha uma inscripção romana. — *Medalhas achadas em Ferno* (*Panorama*, 1843, pag. 133).

Ferreira — freg., conc. de Coura. — Nesta e n'outras povoações circumvisinhas ha *cidades e crastos*. Vestigios de um castello que se diz ser dos *mouros*. — Teem aqui apparecido moedas d'ouro e prata romanas.

Ferreira d'Aves — freg., conc. de Sattam. — *Sur les haches en bronze trouvées en Portugal* pelo sr. Possidonio da Silva (*Congrès internat. de anthropologie*, etc. 1880 - *Compte-rendu*, pag. 358.)

Ferreira do Alemtejo e Villas-boas ou Villas Lobos — villa e concelho. — Em 1796 appareceram entre *Ferreira e Barcellos* muitas medalhas de prata romanas, e n'um monte sobranceiro ao *Valle da Ribeira* medalhas de cobre tambem romanas; assim como varios instrumentos agrarios, domesticos e fabris, todos de ferro e muito oxidados — *Archivo historico*, vol. ii; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Revista archeologica*, ii, n.º 5; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. Figueiredo, pag. 165.

Ferreira do Zezere — villa e concelho — N'um cabeço á beira do Zezere, sepulturas vasias, a que chamam *sepulturas dos mouros*, talvez um *almocabar* dos arabes.

Ferreiros de Tendaes — freg., conc. de Sinfães. — *Memoria do concelho de Ferreiros de Tendaes* (Coimbra, 1856), escripto que se attribue a Basilio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo.

Fiães — freg., conc. de Melgaço. — Templo de architectura gothica, a entrada principal tem muitas columnatas n'esse mesmo estylo. — *O Minho Pittoresco*, t. i, pag. 9.

Ficalho ou Villa Verde de Ficalho — villa, conc. de Serpa. — Vestigios de fortificações romanas (?) — Sepulturas, sendo uma aberta em rocha e duas em feitiço de caixão, formadas por seis grandes tijolos ali denominados *balosas*. — Ruínas do *Firado* em fórma de castello. — *Memoria historico*

economica do concelho de Serpa pelo sr. dr. José Maria da Graça Affreixo (Coimbra, 1884).

Figueira da Foz — Villa e concelho. — Forte de Santa Catharina — Museu archeologico. — *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira* pelo sr. dr. Antonio dos Santos Rocha; *Materiaes para a historia da Figueira nos sec. xvii e xviii*, do mesmo auctor; *Panorama photographico de Portugal*, vol. i; *Noticia da praia e cidade da Figueira da Foz* no jornal «As Republicas», 1886, n.º 79; *Occidente*, vol. vi, 3, 123, 211, viii, 19, ix, 226, 252, x, 83; *A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira e Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira* pelo sr. dr. Santos Rocha (*Revista de ciencias naturaes e sociaes*, vol. ii, pag. 112, iv, n.º 13, pag. 112, 2.ª série, n.º 5); *Chronicas de viagem* pelo sr. Alberto Pimentel; *Fornos luso-romanos da freguezia de Brenha (Memorias sobre a antiguidade* pelo sr. dr. A. dos Santos Rocha); *Arch. Pitt.* xi, 337, 409; *Museu municipal (Archeologo Português*, vol. ii, n.ºs 10 e 11); *Archeol. Portug.*, vol. ii, n.ºs 6 e 7; vol. iii, n.ºs 9 a 11, pag. 252, n.º 12, pag. 299 (*Arch. ol. Portug.*, vol. ii, n.º 12, pag. 293; *Museu municipal (Branco e Negro*, t. ii, 43); *Museu municipal Archeol. Portug.*, vol. iii, 118; *Branco e Negro*, i, n.ºs 24 e 29; *Arch. Pittor.* xi; *Occidente*, ix; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. i; *Pelourinho (Occid.*, viii, 24); *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 68, 197; *Archeol. Portug.*, n.ºs 7 e 8, vol. iii; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Habituação (Portugalia — Materiaes para o estudo do povo portuguez*, 1.º fasc.); *Sociedade Archeologica e Museu Municipal (Portugalia*, fasc. 1.º, pag. 156); *Malta da Europa*, v, n.º 135, 159, 172, 181.

Figueira de Castello Rodrigo — villa e concelho. — *Revista Archeologica*, iii, 181.

Figueiredo das Donas — freg., conc. de Vousel-la. — Paço acastellado, em ruínas.

Figueiró dos Vinhas — villa e concelho. — «Topographia medica das *Cinco villas e Arega* ou dos concelhos de *Chão de Couce* e *Maças de D. Maria* em 1848; com o respectivo mappa topographico e carta geologica» por A. A. da Costa Simões (Coimbra, Imp. da Universidade, 1860); *Inscripções portuguezas*, artigo do sr. Luciano Cordeiro na *Arte Portugueza*, 1855, n.º 2; *O Seculo* n.º 5571 (18-7-97); *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 15.ª série, n.º 4, pag. 252 e segg.; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

Fins (S.) — freg., conc. de Valença. — Igreja matriz de architectura gothica.

Folgosa — freg., conc. de Vousel-la. — Torre de *Bandavizes* — *O Douro illustrado* pelo visconde de Villa Maior.

Folgoso — aldeia, conc. de Paiva — Nas immediações teem apparecido muitas mós de *moer ouro*, do tempo dos arabes.

Fonte Bon — freg., conc. de Esposende. — Ruínas de um castello romano no sitio chamado *Crasto*. — *O Minho Pittoresco*, t. ii, 202.

Fontes — freg., conc. de Santa Martha de Penaguão — Sanctuario de N.ª do Viso. Azulejos.

Fontoura — freg., conc. de Valença — Restos de fortificações.

Formariz — freg., conc. de Coura. — Ruínas de um crasto. — *O Minho Pittoresco*, t. i, 125.

- Fornellos** — freg., conc. de Ponte de Lima. — Vestígios de antigas fortificações no alto da serra. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 276.
- Foz de Arouce** — V. Arouce.
- Foz do Douro** ou **S. João da Foz do Douro** — villa, conc. do Porto. — Castello de S. João da Foz.
- Fração** — villa, conc. de Paços de Ferreira. — Torre que foi solar dos Sousas. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 335.
- Freiriz** — villa extincta, conc. de Villa Verde. — Ruínas de uma fortificação romana.
- Freixeda** — freg., conc. de Bragança. — Junto á fonte houve minas de prata que os romanos ou os arabes exploraram. — Vestígios de fortificações antiquíssimas em *Valle de Mouros*.
- Freixo d'Espada á Cinta** — villa e concelho. — *Memoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal* pelo sr. J. da Silva; *Cousas leves e pesadas* por Camillo Castello Branco, 2.^a edição, pag. 68; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczyński; *Hist. de Portugal* de Pinheiro Chagas, 3.^a ed., vol. II, pag. 93, 128, 133.
- Freixo (S. Julião do)** — freg., conc. de Esposende. — Antiquíssimo castello de *Curutello* com sua torre e muralhas.
- Fronteira** — villa e concelho. — Tem um castello, de que restam duas torres; muralhas torreadas, em grande parte destruídas. — Vestígios de edificios antiquíssimos no *Valle da Amoreira (Cerejeira)*, orde, no principio do sec. XVIII, se acharam 1700 moedas de ouro romanas. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa.
- Fundão** — villa e concelho — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* pelo sr. José Germano da Cunha; *Cultos luso-romanos em Igeditania*. Duas inscrições ineditas, artigo do sr. Leite de Vasconcellos no *Archeologo português* n.^o 9, pag. 225; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filipe de Figueiredo, pag. 185; *Occidente*, XX, pag. 67; *O Fundão* — Breve noticia pelo sr. José Germano da Cunha. Illustrada com 9 gravuras, (Lisboa, 1898); *Pelourinhos* — art. do sr. Gabriel Pereira (*Bol. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Port.*, VII, p. 76); *As Misericórdias* pelo sr. C. Goodolphim; «Mem. e estudo chimico sobre as aguas miner. e potaveis de Unhaes da Serra» pelo dr. A. J. F. da Silva com *Breves noções corographicas* de J. F. Moutinho.
- Fundões** — aldeia, freg. de Sobrado de Paiva, conc. de Castello de Paiva. — Ruínas de mesquita mourisca ou de algum edificio romano. Em 1868 appareceram aqui fragmentos de mosaico.
- Fuzeta** — freg., conc. de Tavira. — N'um alto proximo da povoação, ruínas de uma torre redonda e uma pedra de cantaria em que se veem as armas de Portugal com uma legenda. Além d'esta ha nas proximidades a torre de *Alfanxia*, a de *Ares* e a de *Bias*, todas desmanteladas. Na torre de *Bias* tem-se encontrado muitas sepulturas antigas.
- Gaya (Villa Nova de)** — villa e concelho. — *Descripção topographica de Villa Nova de Gaya* e da solemníssima festividade que em acção de graças pela gloriosa restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz... no dia 11 de dezembro de 1808, por João Antonio Monteiro e Azevedo (Lisboa, 1813); *Directorio civil, politico e commercial da antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto e Villa Nova de Gaia* (Porto, 1838); *Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes*; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hübner, pag. 67 e 68; *Occidente*, IX, 77; *O Minho pittoresco*, t. II, 743; *Universo pittoresco*, t. III, pag. 273 (convento de Santo Antonio de Valle de Piedade); *Estudos historicos e archeologicos* por I. de Vilhena Barbosa, I, pag. 253.
- Gandara** — freg., conc. de Oliveira de Azemeis. — Alicerces de um castro (talvez *carn*) na aldeia do *Crasto*, em cujas proximidades havia uma mamoá celtica, a que o povo chamava *Mama do Gato*.
- Gandara** — freg., conc. de Valença. — Vestígios de fortificações antigas na freg. de S. Pedro da Torre. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 88.
- Gemunde** — freg., conc. da Maia. — Torre muito antiga. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 644.
- Gestosa** — aldeia, freg. de Escariz, conc. de Arouca. — Monumentes celtas nas proximidades.
- Gião (Castello de S.)** — freg. de Caldellas ou Ponte de Caldellas. — Vestígios de fortificações no Monte do Castello.
- Goes** — villa e concelho. — *Breve memoria historica da villa de Goes (Panorama photographico de Portugal, vol. I e III)*; *Descripção topographico-geographico-historica de Goes*, inedita, por Joaquim José Dias Correia, medico; *Memoria historico chorog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; «Noticia historica e topographica da villa de Goes e seu termo» por J. Alfonso Baeta Neves, (1897); *Portugal artistico e monumental*.
- Golegan ou Gollegã** — villa e concelho. — Egreja matriz, de architectura manuelina. — *Relat. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Quatro horas na Gollegã*, art. do sr. Brito Aranha (*Artes e Lettras*, 1874, pag. 170 e 190); *Egreja matriz (Occidente, vol. VIII, pag. 19)*; *Revista Illustrada*, 1890, pag. 84, 1892, 125; *Arch. Pitt.* X, 137, 161; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.^o vol.; *Arredores da Gollegã (A' volta do mundo, 1880, p. 156)*; *Occid.*, VII, 105; *Branco e Negro*, t. II, 125; *Occidente*, VIII, pag. 21; *As Misericórdias* pelo sr. C. Goodolphim.
- Gondalves ou Gondisalves** — freg., conc. de Braga. — Ruínas de grandes edificios, como o amphitheatro, aqueductos, etc.
- Gondinhães ou Gontinhães**. — freg., conc. de Caminha. — No sitio da *Barrosa*, ao centro da *Matta da Lapa*, está um dolmen (celtico ou preceltico). N'esta freguezia, na de *Mollêdo* e na de *Cristêllo* ha varios *carns*. — Fortim da *Lagarteira* e, proximo a este, vestígios de fortificações muito antigas. — Mosteiro de freiras beneditinas de *Bulhente*, supprimido em 1460. — *Relatorio acerca dos edif. que devem ser classif. monum. nac.*; *Descripção do dolmen de Gontinhães denominado «Lapa da Barroza» ou «dos Mouros»* pelo sr. Cesario Augusto Pinto (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1876, pag. 169); *Archéologie pré-historique dans la province de Minho. Congrès international d'anthropologie, etc.*, 1880. *Compte rendu*, pag. 346; *Lapa dos Mouros, n'um pinhal chamado da Barroza*, artigo do sr. dr. F. Martins Sarmiento

(*Revista de sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 1893, vol. IV, n.º 13, 2.ª série, n.º 5, pag. 25; *O Minho Pittoresco*, t. I, 187.

Gondomar ou S. Cosme de Gondomar — villa (Porto). — No monte *Crasto* houve um forte castello romano. — Vestigios de mineração romana e arabe. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 601.

Gondoriz — freg., conc. de Terras do Bouro. — Torre da *Gardenha*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 453.

Gontige — freg. extincta, incorporada na de *Reboreda*, conc. de Villa Nova da Cerveira — Vestigios de grande povoação.

Goujelm ou Gojelm — villa, conc. de Armamar. — No monte *Crasto*, vestigios de fortificações romanas. Tem-se aqui achado ferros de lanças e outras armas e moedas romanas.

Gouveia — villa e concelho. — Collegio dos jesuitas, onde, depois de 1759, estiveram as freiras franciscanas do convento de *Almeida*. Convento de frades franciscanos. — *Mem. resusc. da prov. de de Entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck; *Archeologo Português*, vol. I, pag. 325; *Quatro dias na Serra da Estrella* pelo sr. E. Navarro pag. 53, 58, 72.

Grade — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. — Torre do *Pharo*, construcção dos mouros ou dos romanos. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 319.

Grandola — villa e concelho. — Ruínas de fortificações. — No sitio onde é a capella da *Senhora da Penha de França* appareceram, em 1700, ferros de lanças e moedas de ouro romanas. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. Pedro Augusto Ferreira (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. V, n.º 12, pag. 184); *Castello Velho do Loial*, art. do sr. Manuel Matheus no *Archeologo Português*, n.º 9, pag. 239; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Philippe de Figueiredo, pag. 118.

Grijó — villa, conc. de Gaia. — Cruzeiro do *Padrão Velho* e tumulo, com epitaphio, de D. Rodrigo Sanches, filho de D. Sancho I. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 756; *Branco e Negro* n.º 23 (1896); *Mosteiro de S. Salvador de Grijó*, art. do sr. José Pinto da Silva Ventura (*Bol. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Port.* VII, pag. 159, 190, 192).

Grillo — freg. do Beato Antonio, conc. dos Oliveaes. — No convento das *Grillas* estava o mausoleu da rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV. Em 5 de janeiro de 1889 foram os restos mortaes d'esta rainha trasladados para o templo de S. Vicente de Fora. — *Jazigo da rainha D. Luiza de Gusmão* (*Panorama*, 1866, pag. 260).

Guarda (Casa da) — conc. de Terras do Bouro. — Nos *Padrões de Cal* está um pedaço de marco milliaro com inscripção incompleta.

Guarda — cidade — Torres, castello, e ruínas das antigas fortificações. — Em *Tentinholho*, aldeia proxima, tem apparecido objectos antiquissimos. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Memorias para a historia ecclesiastica do bispado da Guarda* por M. Pereira da Silva Leal (Lisboa, 1729); *Opusculos de A. Herculano*, t. II (*Monumentos patrios*); *Portugal artistico e monumental*; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 54; *Die Baukunst der Renais-*

sance in Portugal por Haupt, 2.º vol.; *Habitação (Portugalia — Materiaes para o estudo do povo portuguez*, 1.º fasc.).

Guimarães — cidade. — Castello e torres, entre as quaes a que foi mandada construir pela condessa Mumadona. — Egreja de N. S.ª da Oliveira, onde foi baptisado D. Afonso I. — Chafariz e cruzeiro na praça do Toural. — Ruínas do paço dos duques de Bragança, onde se admiram duas grandes janellas gothicas, que pertenciam á capella. — Ponte sobre o ribeiro *Célho* — *Guimarães*. *Apontamentos para a sua historia* pelo rev. Antonio José Ferreira Caldas; *Rel. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. II; *Apontamentos para a historia de Guimarães* pelo sr. Oliveira Guimarães; rev. abbade de Tagilde (*Revista de Guimarães*, janeiro e outubro de 1888, pag. 39 e 187); *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães em 1692* pelo padre Torquato Peixoto de Azevedo (Porto, 1845); *Varias antiguidades de Portugal* por Gaspar Estação; *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884* (Porto, 1884); *Mém. de l'archéol. sur la vérif. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal* pelo sr. J. da Silva; *Panorama*, 1840, pag. 281, 311; 1842, pag. 111; 1867, pag. 209; *A bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento em 1893* (Porto, 1894); *A collegiada de Guimarães, Capella de Santo Estecão*, pelo rev. padre Abilio de Passos (*Revista de Guimarães*, janeiro, abril e outubro de 1891, pag. 43, 78 e 161); *Convento de Santa Clara de Guimarães* pelo rev. abbade de Tagilde (*Revista de Guimarães*, janeiro de 1893, pag. 5); *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães* pelo sr. dr. Martins Sarmento (*Revista de Guimarães*, 1884, 1888, 1894); *As Citarias segundo Cartailhac*, pelo sr. Avelino Germano (*Revista de Guimarães*, 1888, pag. 122); *Revista archeologica*, IV, n.º 7; *Pia monumental na egrja de S. Miguel, Paço dos Duques de Bragança* por I. de Vilhena Barbosa (*Artes e Lettras*, 1874, pag. 92 e 131); *Corpus — Inscript. Hisp. Latin.* vol. II, 335, 337, supp. 892, 896; *Noticias de Guimarães* por Manuel Caetano de Sousa (Ms.); *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 318 dos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. II, (1873); *Memorias resuscitadas da provincia de Entre-Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck (1726); *Egreja de S. Miguel, Mosteiro da Costa, Castello, Egreja de N. S.ª da Oliveira*, (*Occidente*, vol. IV, pag. 54, IX, pag. 43, 52, XII, 213, 222, 228, 239, XV, pag. 1); *Convento da Costa* (*Revista de Guimarães*, 1886, pag. 102); *Collegiada de N. S.ª da Oliveira, Egreja de S. Miguel do Castello, Paço dos Duques de Bragança, Terreiro da Misericórdia*, (*Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos* por Vilhena de Barbosa, pag. 105, 109, 383, 389); *Opusculos de A. Herculano*, t. II (*Monumentos patrios*); *O Minho Pittoresco*, t. I, 585; *Cousas leves e pesadas* por C. Castello Branco, pag. 81; *Vaquinha de bronze e romana*; *Estatuas de guerreiros lusitanos* (*Archeol. Port.*, t. I, n.º 11, t. II, n.º 1); *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão, pag. 70, 121, 171.

(Conclue)

(Continua)